

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**



Dissertação de Mestrado

**A PÁGINA INSTITUCIONAL DA IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA: UM
PROJETO ENUNCIATIVO DE INCLUSÃO E ACEITAÇÃO DE LGBTs?**

Eduardo Soares da Cunha

Pelotas, 2018

Eduardo Soares da Cunha

**A PÁGINA INSTITUCIONAL DA IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA: UM
PROJETO ENUNCIATIVO DE INCLUSÃO E ACEITAÇÃO DE LGBTs?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Karina Giacomelli

Pelotas, 2018

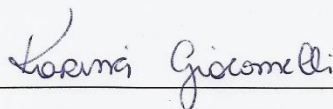
Eduardo Soares Da Cunha

**TÍTULO: A página institucional da igreja Cristã Contemporânea: um projeto
enunciativo de inclusão e aceitação de LGBTs?**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

21 de dezembro de 2018

Banca examinadora:



Profa. Dra. Karina Giacomelli

Orientadora/Presidente da banca

UFPel



Profa. Dra. Alessandra Ávila Martins

Membro da Banca

FURG



Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral

Membro da Banca

UFPel

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Margaret Soares, por todo o apoio, afeto e incentivo ao me mostrar desde sempre que a educação é o melhor caminho.

Desejo igualmente agradecer a minha orientadora, Prof.^a Dr^a Karina Giacomelli, pelo modo como conduziu essa orientação, pelo exemplo de profissional e, mais do que tudo, pelo olhar humano com que me orientou para além de uma pesquisa acadêmica.

Ao Prof. Dr. Adail Sobral e à Prof.^a Dr^a Alessandra Martins, por terem aceito o convite para fazer parte da construção deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, pela oportunidade.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram durante essa caminhada.

GRATIDÃO!

“A tolerância é a melhor das religiões”

Victor Hugo

RESUMO

SOARES, Eduardo. **A página institucional da Igreja Cristã Contemporânea: um projeto enunciativo de inclusão e aceitação de LGBTs?** 2018. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

No presente trabalho, propomos a realização de uma possível análise do projeto enunciativo da página institucional da Igreja Cristã Contemporânea (ICC). Tal instituição se insere em um campo religioso conhecido como “igrejas inclusivas”. Essas entidades, de um modo geral, operam na não condenação das sexualidades não hegemônicas e vêm chamando a atenção de pesquisadores brasileiros devido a significativa expansão no número de fiéis e congregações. Nos interessou, portanto, pensar de que forma essas instituições, por meio do ciberespaço, realizam seu trabalho de divulgação e captação de novos adeptos. Para isso, buscamos suporte nos pressupostos teóricos e metodológicos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin e seus estudiosos. Assim, nossa análise foi pautada a partir de um modelo dado por Sobral (2009) em diálogo com Brait e consiste na descrição, análise e interpretação do objeto de estudo. Os resultados obtidos nos mostraram que, mesmo diante de um novo olhar da instituição frente as sexualidades dissidentes, certas posturas adotadas nas esferas religiosas mais tradicionais são mantidas. Outra questão observada foi o direcionamento dos textos do endereço eletrônico para um interlocutor específico.

Palavras-chave: igrejas inclusivas; projeto enunciativo; análise dialógica do discurso; página institucional, igreja cristã contemporânea.

ABSTRACT

SOARES, Eduardo. **The institutional page of the Contemporary Christian Church: an enunciative LGBT project of acceptance and inclusion?** 2018. 102p. Thesis (Master's Degree in Languages) – Languages Postgraduate Program, Center of Languages and Communication, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

In this thesis we make a possible analysis of the Contemporary Christian Church (ICC) institutional page's enunciative project. The institution is part of a group of religions known as "inclusive churches". These institutions, generally, advocate the non-exclusion of non-hegemonic sexualities and have drawn the attention of Brazilian researchers due to a significant rise in their numbers of congregations and followers. We became interested, consequently, in analysing how do these institutions promote themselves and attract new followers online. In order to do that, we studied the theoretical and methodological concepts created by the Bakhtin Circle and its scholars. Thus, our analysis was based on a model proposed by Sobral (2009) which draws from Brait and consists of the description, analysis and interpretation of the object of study. The results show that, even under a new approach regarding dissident sexualities, the institution still reproduces certain practices commonly seen on more traditional religious environments. Another aspect studied in the thesis was how the website's content was produced aimed at a specific audience.

Key-words: inclusive churches; enunciative project; dialogical discourse analysis; institutional page; igreja cristã contemporânea.

Lista de figuras

Figura 1: Divulgação da página institucional	36
Figura 2: Dados sobre o uso da internet no Brasil 2007)	41
Figura 3: Dados sobre o uso da internet no Brasil (2017)	42
Figura 4: Domicílios que possuem equipamento TIC	43
Figura 5: Página inicial da ICC	65
Figura 6 Página inicial (continuação)	67
Figura 7: Cultos.....	70
Figura 8: Missão, visão e valores.....	72
Figura 9: Valores.....	76
Figura 10: Fundador.....	78
Figura 11: Biografia.....	80
Figura 12: História.....	84
Figura 13: Nossas igrejas.....	90
Figura 14: Homossexualidade.....	91
Figura 15: Vídeos.....	92

Lista de tabelas

Tabela 1: Textos discursivos presentes na página institucional.....	16
Tabela 2: Pesquisa sobre trabalhos disponíveis no portal do CAPES.....	16

Lista de Abreviaturas e Siglas

ABEH: Associação Brasileira de Estudos da Homocultura

ABGLT: Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis

ADD: Análise Dialógica do Discurso

CAHEUSP: Centro Acadêmico dos Estudantes de História da USP

CCG: Comunidade Cristã Gay

CETIC: Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade e da Informação

CFP: Conselho Federal de Psicologia

EBGLT: Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis.

EBLHO: Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais

EBOH: Encontro Brasileiro de Homossexuais

ICC: Igreja Cristã Contemporânea

ICM: Igreja da Comunidade Metropolitana

ILGA: Associação Internacional de Gays e Lésbicas

LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros

MMC: Metropolitan Community Church

OMS: Organização Mundial da Saúde

ONU: Organização das Nações Unidas

PNBL: Plano Nacional de Banda Larga

TIC: Tecnologias da Informação e Comunicação

Sumário

“CLIQUE AQUI PARA ACESSAR”: UM INÍCIO DE CONVERSA.....	11
1 - COM HOMEM TE DEITARÁS COMO SE FOSSE HOMEM; POSSÍVEL É: A PRÁTICA CRISTÃ E AS SEXUALIDADES NÃO HEGÊMONICAS.....	18
1.1- O movimento LGBT e a discussão sobre religiosidades	18
1.2 - Novos espaços de (r)existências	25
1.3 - As igrejas inclusivas: do surgimento à atuação no Brasil.....	27
1.4- A Igreja Cristã Contemporânea	31
2- “ A TECNOLOGIA MOVE O MUNDO”: O CIBERESPAÇO E A DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES.....	34
2.1- A comunicação nossa de cada dia.....	34
2.2- A democratização do acesso à internet no Brasil	39
2.3 – Novos arranjos da comunicação: as páginas institucionais.....	44
3- PANE NO SISTEMA, ALGUÉM ME DESCONFIGUROU”: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA TEORIA BAKHTINIANA.....	46
3.1- Linguagem, Interação e Dialogismo	46
3.2 - Projeto enunciativo, gêneros do discurso e esferas de atividade humana.....	56
3.3 - Contribuições Metodológicas	61
4- VINDE A MIM, VIADO”: UMA ANÁLISE DA PÁGINA INSTITUCIONAL DA IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA	64
5- AMÉM, AMEM	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	98

“CLIQUE AQUI PARA ACESSAR”: UM INÍCIO DE CONVERSA

O exercício da religião cristã e a prática das sexualidades que fogem ao padrão hegemônico foram vistos, por muito tempo, como algo desafiador. Adeptos do Cristianismo e seus representantes reforçavam (e ainda reforçam) a impossibilidade de inserção dos sujeitos não heterossexuais no espaço religioso tradicional. Se, por um lado, tais discursos afastam essas pessoas de um possível exercício da prática cristã, por outro, promovem um maior espaço de discussão sobre isso, por vezes acalorado, em embates de opiniões divergentes. Esses discursos contra as sexualidades não hegemônicas e os sujeitos que desempenham comportamentos diferentes daqueles atribuídos ao seu sexo biológico, ou seja, antes mesmo do nascimento (masculino ou feminino), começam no interior das denominações religiosas, chegam até os órgãos públicos e estendem-se a todos os setores da sociedade. Tal propagação faz com que grupos se unam com objetivos comuns, assim como aconteceu na década de 1980, na luta pelos direitos LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) e, no início dos anos de 1990, com a ascensão de organizações que discutiam o espaço dos homossexuais nas religiões de vertente cristã.

A minoria político-identitária representada pela sigla muitas vezes se vê em um verdadeiro conflito no que tange à prática religiosa. Instituições cristãs (re) produzem discursos que atribuem a essas pessoas o status de “pecadores” por não seguirem um suposto ensinamento/mandamento bíblico. É frequente, também, a sexualidade ser vista e tratada como uma doença, permitindo, por exemplo, que religiosos e profissionais da área da saúde promovam e incentivem a polêmica “cura gay”, embora a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheça, desde 1993, que a homossexualidade não configura uma “desordem mental”, e o Conselho Federal de Psicologia (CFP) tenha proibido, em 1999, psicólogos de realizarem terapias de conversão sexual¹. Tal “cura” tem por objetivo realizar a passagem da homossexualidade para a heterossexualidade, por meio de tratamentos clínicos e/ou religiosos. A proposta ganhou voz de membros evangélicos e representantes públicos,

¹ Informações encontradas na Resolução CFP N° 001/99 de 22 de março de 1999.

a exemplo do pastor Marcos Feliciano, que participou de debates e programas televisivos com o intuito de defender a causa.

Mesmo com as decisões da OMS e do CFP, em 2017, o assunto voltou à tona através de uma liminar concedida pelo Juiz Waldemar de Carvalho autorizando profissionais da psicologia realizarem trabalhos de “orientação sexual”. A iniciativa gerou grande discussão em nível nacional, ao permitir novamente que a homossexualidade fosse encarada como uma doença. A partir dessas situações, podemos compreender que o olhar para as sexualidades que não aquelas já normatizadas é repleto de atravessamentos ideológicos, motivados por ideologias religiosas que continuam por atribuir aos homossexuais um significado de pecado e doença, autorizando e legitimando outros lugares sociais a adotar e reproduzir esses posicionamentos, causando preconceito e discriminação para com esses sujeitos e, em alguns casos, levando inclusive à morte.

Diante do exposto, destacamos a grande dificuldade de inclusão social enfrentada diariamente por LGBTs. É claro que no campo religioso isso não aconteceria de forma diferente. Basta acompanharmos o noticiário ou realizarmos uma pesquisa em portais de busca na internet para conferirmos casos de indivíduos expulsos de congregações religiosas, ou até mesmo de seu convívio familiar, pelo simples motivo de exercerem uma sexualidade diferente daquela defendida e vista como “ideal” por grande parte da sociedade.

Um desses casos aconteceu nos Estados Unidos, quando Troy Perry, foi expulso de sua igreja de origem devido a sua condição sexual. Criado por pais evangélicos, o jovem, aos 15 anos de idade se tornou ministro batista de uma congregação na Flórida. Vivendo um conflito entre o discurso religioso e a sua sexualidade, aos 18 anos resolveu confessar ao seu pastor a atração que sentia por pessoas do mesmo sexo, tendo o eclesiástico aconselhado que ele buscasse por um casamento heterossexual. Mais tarde, no Sul da Califórnia, procurou novamente o apoio da sua instituição, dessa vez, sendo expulso. A partir disso, Perry pensa inclusive em cometer suicídio. Com o passar do tempo, refletiu sobre novas formas de exercer o Cristianismo, fundando, em 1968, a primeira igreja inclusiva, denominada de *Metropolitan Community Church* (MCC).

No Brasil, não só o surgimento dessas instituições, como o próprio movimento LGBT, acontece em um outro momento. Embora sejam identificados grupos a partir

de 1980, é somente na década posterior que o movimento se organiza e ganha força. De acordo com Facchini (2003), foi nos anos de 1990 que se atingiu uma maior visibilidade na busca por reconhecimentos civis, contra a violência e a discriminação e no enfrentamento da epidemia de HIV/AIDS, que assolava o país na época. É atrelado a esse contexto que, entre 1997 e 2002, surgiram organizações com a intenção de discutir a presença dos homossexuais no ambiente religioso, sobretudo cristão. Na década de 2000, houve o nascer daquela que ficou conhecida como a primeira igreja inclusiva em território brasileiro.

A inauguração da instituição gerou um grande debate nos veículos midiáticos. Enquanto algumas pessoas que já almejavam e sonhavam com um espaço de acolhimento comemoravam a inauguração, outras, em grande parte ligadas ao fundamentalismo religioso², criticavam o surgimento, alegando não ser uma igreja, mas uma “seita”, uma organização contra a palavra bíblica.

Maria de Fátima Weiss de Jesus (2012) salienta que as igrejas inclusivas fazem parte de um fenômeno recente no Brasil e que chamam a atenção pela possibilidade de homossexuais serem membros de igrejas cristãs. Atualmente, temos a presença dessas instituições em vários estados e cidades brasileiras, apresentando algumas variações ideológicas, mas com a ideia em comum de acolher todos aqueles que já foram ou se sentiram excluídos de alguma entidade religiosa. É justamente a falta de acolhimento por parte das igrejas tradicionais e o afastamento provocado muitas vezes por discursos de ódio que fazem com que, cada vez mais, sujeitos de grupos não representados nas denominações em que estavam inseridos procurem ambientes de manifestação da fé que os aceitem.

Com isso, acreditamos ser importante verificar como essas congregações conseguem trazer para dentro de seus templos fiéis afastados por outras nomeações, observando como isso se torna possível por meio da utilização de recursos digitais. Pensamos que um dos fatores que mais contribui para a difusão de informações acerca da existência dessas entidades é a internet. São os compartilhamentos, as curtidas, a disponibilização de hipertextos que levam a outros meios eletrônicos (como, por exemplo, o *Youtube*), bem como a discussão promovida no ciberespaço que fazem com que dizeres que por muito tempo circularam apenas em um ambiente

² Concordamos com a posição de Panasiewicz (2008) sobre o termo. Segundo o autor, o fundamentalismo religioso pode ser entendido como um movimento crítico frente às inovações trazidas pela modernidade no campo religioso.

social mais restrito, a exemplo do próprio movimento LGBT, cheguem a um público mais amplo. Cada vez mais, o mundo parece se organizar através de meios virtuais. Tudo parece nos conduzir a endereços eletrônicos, e informações são buscadas na rede em um clique. Isso não ocorre de forma diferente quando pensamos nas igrejas inclusivas. Essas congregações, assim como aponta Natividade (2013) e também Maria de Fátima Weiss de Jesus (2012), vêm apresentando um aumento significativo em todo o território nacional. Tal crescimento está ligado não somente ao número de sedes, como também ao de fiéis, muitas vezes conquistados por meio da internet.

Diante da inovação teológica que é proposta, a nova possibilidade da prática cristã precisa se fazer conhecida, chegar até o maior número de pessoas possíveis dentro de um público de interesse. Muitos são os caminhos utilizados para fazer a divulgação de sua existência e de seus ideais, incluindo, é claro, a disponibilização de informações em páginas institucionais, para onde todos os modos de divulgação, virtuais ou não, costumam direcionar seus interlocutores. Cartazes, camisetas, panfletos e outros meios indicam o *Website* como um “convite de visita”. Muitas vezes esse direcionamento é realizado através de uma linguagem que atribui ao discurso religioso um outro olhar. Assim, passagens bíblicas, que costumeiramente são utilizadas para condenar as sexualidades dissidentes recebem uma nova interpretação com o objetivo de atrair esse novo público, mostrando que uma outra leitura pode ser feita e que, assim como exposto em uma página de congregação inclusiva, “Deus não faz acepção de pessoas”.

Lorenzo (2016, p. 62) destaca que “as instituições religiosas de posicionamento inclusivo se destacam num momento propício ao conteúdo compartilhável em rede social virtual”. O autor argumenta que essas comunidades religiosas, atentas ao cotidiano na internet, consideram rentável investir esforços em campanhas institucionais nas redes sociais, visto que a evangelização nesses meios tem apresentado um melhor resultado na relação custo x benefício. Considerando isso, para compor o *corpus* deste trabalho, selecionamos os textos presentes na página institucional da Igreja Cristã Contemporânea (ICC),³ visto que a entidade realiza um amplo trabalho de divulgação nas mídias digitais e mantém constantes atualizações das informações que são exibidas em seu endereço eletrônico.

³ A página da instituição pode ser acessada em: <http://igrejacontemporanea.com.br/>.

Desse modo, por meio de uma pesquisa transdisciplinar⁴, nosso objetivo geral consiste na realização de uma análise do projeto enunciativo (Sobral, 2009) da página institucional da entidade mencionada acima. Para isso, entre os objetivos específicos, figuram: verificar quais os gêneros discursivos a compõem, refletir sobre a manutenção ou não de uma vontade enunciativa por meio dos textos disponibilizados e observar de que modo o tema da inclusão é tratado.

Para que isso seja possível, tomaremos como base a Análise Dialógica do Discurso (ADD), organizada em torno das ideias do chamado Círculo de Bakhtin. Segundo Brait (2006, p. 9), “o pensamento bakhtiniano representa uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem”. A autora salienta ainda que a Análise Dialógica do Discurso apresenta uma relação indissolúvel entre língua, linguagens, história e sujeitos historicamente situados.

Em meio ao atual momento político-social do nosso país, em que vivemos uma forte onda conservadora, intensificada ainda mais nas Eleições Gerais de 2018 com a condução de Jair Bolsonaro ao cargo de Presidente da República, temos acompanhado as constantes ameaças dirigidas a LGBTs, bem como as tentativas, principalmente por parte de representantes políticos, de negar e retirar direitos conquistados por essa população, sendo muitas vezes a religião utilizada como forma de legitimação e defesa dessas ameaças. Desse modo, pensamos ser de grande importância refletirmos sobre como outros setores/grupos sociais reagem e resistem a esses discursos. Assim, uma das atuais formas de resistência é justamente a criação de igrejas que apresentam uma outra interpretação do texto bíblico e um outro olhar para as sexualidades marginalizadas.

Outro fator que também destacamos é a contemporaneidade dessas instituições, visto que elas têm seu surgimento a partir dos anos 2000, apresentando uma recente atuação quando pensamos, por exemplo, na presença secular de outras entidades religiosas no país. Também por esse motivo, essas igrejas valem-se de meios não tradicionais de divulgação, uma vez que não contam com a forma mais comum de pertencimento: a tradição familiar. Decorre daí a justificativa de analisar o ambiente virtual no qual se apresentam, já que a internet se tornou um lugar privilegiado no que tange as novas possibilidades de comunicação e interação.

⁴ Dialogamos com diversas áreas do conhecimento, destacamos: Antropologia, História, Estudos da Comunicação e Estudos Linguísticos.

Acreditamos ser interessante pensarmos sobre como o discurso de divulgação institucional da entidade se organiza, se prolifera e chega a seus destinatários, considerando os objetivos almejados mediante a proposição de um projeto enunciativo.

Em um levantamento realizado na página que aqui servirá de *corpus*, constatamos que diversos textos a compõem, conforme indicamos na tabela abaixo:

Textos presentes na página institucional da Igreja Cristã Contemporânea
Logomarca
Slogan
Galeria
Apresentação institucional
Localização
Vídeos
Notícias
Buscador
Artigos
Estudos
Sermões
Testemunhos
Contato
Divulgação de outros endereços eletrônicos
Trechos de livro
Folder digital
Agenda

Tabela 1: Textos presentes na página institucional.

Por fim, mas não menos importante, queremos destacar que, em consulta realizada no banco de teses e dissertações da CAPES, foi possível constatarmos a inexistência de trabalhos sobre a temática aqui levantada. Para que fosse possível chegar aos resultados, utilizamos como busca o termo “Igrejas Inclusivas”. Os dados da pesquisa estão organizados na tabela que segue:

ÁREA	TRABALHOS	RESULTADOS
LETRAS/LINGUÍSTICA	TESES	18
	DISSERTAÇÕES	10

Tabela 2: Pesquisa sobre trabalhos disponíveis no portal do CAPES.
 Fonte: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 26. nov.2016.

Foram encontrados 28 trabalhos, sendo 18 teses e 10 dissertações. Embora seja apresentado esse número, uma análise mais detalhada dos títulos disponibilizados mostrou que nenhum destes trabalhos apresenta relações ou semelhanças com a pesquisa que aqui propomos. Não foram encontradas, por exemplo, pesquisas que versem sobre Igrejas Inclusivas na área de Estudos da Linguagem. O que podemos verificar em nosso campo de estudo são trabalhos que trazem em seus títulos ou no corpo de seus textos palavras que se assemelham àquelas do termo buscado, mas, na maioria dos casos, de forma desconexa, como, por exemplo: “educação inclusiva”, “igreja e exercício da fé”, dentre outros. As pesquisas que possuem relação com o tema proposto estão inseridas em outras áreas do conhecimento, a exemplo da Antropologia, da Comunicação Social e dos Estudos Teológicos.

Diante disso, podemos perceber um possível ineditismo na área de Letras/Linguística no que se refere à proposta apresentada, o que poderá contribuir para o campo de pesquisa do discurso e para trabalhos futuros.

Para finalizar, expomos a estrutura de apresentação deste escrito, que se organiza da seguinte forma: No primeiro capítulo, intitulado “Com homem te deitarás, como se fosse homem; possível é”: a prática cristã e as sexualidades não hegemônicas”, trazemos algumas considerações sobre o contexto que impulsionou o surgimento das Igrejas Inclusivas no Brasil, contextualizando o assunto. Já em “A tecnologia move o mundo”: o ciberespaço e a difusão de informações”, explanamos sobre as mídias da comunicação e o impacto que causam em nossas vidas. No terceiro capítulo, “Pane no sistema, alguém me desconfigurou: pressupostos teórico-metodológicos da teoria bakhtiniana”, apresentamos as principais ideias teóricas e metodológicas utilizadas neste trabalho, para que, no capítulo posterior, intitulado de “Vinde a mim, Viado: uma análise da página institucional da Igreja Cristã Contemporânea”, possamos apresentar uma possível análise do nosso *corpus*. Finalizando, temos “Amém, amem”, espaço em que são destacadas as nossas considerações finais.

1 - COM HOMEM TE DEITARÁS COMO SE FOSSE HOMEM; POSSÍVEL É: A PRÁTICA CRISTÃ E AS SEXUALIDADES NÃO HEGÊMONICAS

Neste capítulo esboçaremos o surgimento das Igrejas Inclusivas no território brasileiro. Para isso, trouxemos no título uma releitura da conhecida passagem bíblica de Levítico (18:22), em que nos é dito: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é”. Tal trecho é comumente utilizado para a condenação da prática homossexual e tornou-se uma espécie de obstáculo do exercício religioso em harmonia com as sexualidades vistas como pecaminosas. Ao ressignificá-lo, pretendemos mostrar que uma nova possibilidade de leitura do texto bíblico e da prática cristã vem acontecendo com o surgimento de instituições não condenatórias das sexualidades não heterossexuais.

Organizamos este capítulo da seguinte forma: Na seção 1.1 trazemos algumas considerações sobre o movimento LGBT e sua importância no que tange o debate sobre questões sexuais, religiosas e de gênero. Na seção seguinte, 1.2, comentamos sobre grupos e organizações que, a partir de um novo contexto, proporcionado também pelas lutas do movimento LGBT, oferecem espaços de (r)existência no que se refere às práticas das novas possibilidades do exercício cristão. Já em 1.3, será abordado o contexto de surgimento das primeiras igrejas inclusivas brasileiras, para que, na seção 1.4, possamos apresentar a Igreja Cristã Contemporânea, instituição cuja página servirá de *corpus* para a realização desta pesquisa.

1.1- O movimento LGBT e a discussão sobre religiosidades

Neste item será abordado, de forma breve, o surgimento do movimento LGBT brasileiro, a fim de compreender sua importância na formação de grupos e na abertura de espaços para discussão sobre a intersecção entre sexualidades e religiosidades. Vale salientar que, embora o foco, no momento, seja o movimento no Brasil, não há como iniciar esse tópico de outra forma que não seja recorrendo à data de 28 de junho 1969, tida como marco do surgimento do movimento gay nos Estados Unidos.

O bar *Stonewall Inn*, localizado na cidade de Nova Iorque, era conhecido pela presença de um público predominantemente gay e sofria constantes “batidas” acompanhadas de uma forte repressão policial. Vale lembrar que, na década de 1960, a homossexualidade nos EUA era considerada uma “desordem mental” e, em muitos

estados americanos, uma prática possível de crime. Dessa forma, o bar representava para muitos sujeitos um dos poucos espaços que podiam frequentar sem que fosse necessário “mascarar” suas identidades. Durante as ações policiais, eram recorrentes as agressões e as ameaças contra o público presente. Cansados desse cenário, em 1969, *drag queens*, travestis e homossexuais resolvem unir forças contra os abusos praticados, negando-se a deixar o local e enfrentando os ataques.

A reação do público gerou uma grande repercussão e estendeu-se por cerca de cinco dias, com passeatas e manifestações pela cidade. Em 1970, no aniversário de um ano do ato que ficou conhecido como “Revolta de *Stonewall*”, foi organizada uma caminhada com a presença de aproximadamente duas mil pessoas. Desde então, o dia 28 de junho é tido como o “Dia Internacional do Orgulho LGBT”. Assim, o acontecimento em *Stonewall* marca o surgimento e o despertar para a defesa de direitos sexuais em muitos países, incluindo o Brasil.

Molina (2011) destaca que na década de 1960 já ocorria a organização de grupos brasileiros para a socialização de experiências homossexuais masculinas. No entanto, muitos pesquisadores não consideram tais iniciativas como o surgimento de um movimento, já que elas ocorriam de forma esparsa e não tinham, necessariamente, um viés ativista. Diante disso, é comum considerar o final da década de 1970 o nascimento do ativismo em solo brasileiro. Facchini (2003) corrobora essa data, citando, mais especificamente 1978, com a criação do Grupo Somos. A autora destaca ainda:

O termo movimento homossexual é aqui entendido como o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento (FACCHINI, 2011, p. 84).

Se isso é possível de ser imaginado hodiernamente, devemos considerar que, na década de 1960, a situação era outra. No auge de uma Ditadura Militar, qualquer possibilidade de discutir e/ou questionar sexualidades dissidentes era praticamente impossível. Green expõe, então, que:

Até o fim dos anos 50, não existiam ambientes dirigidos exclusivamente para o público gay ou lésbico. Encontros públicos

homossexuais centravam-se em parques, praças, cinemas, banheiros públicos ou à ocupação tênue de restaurantes, cafés ou partes de praias. [...] Pequenas festas, shows de travesti realizados em casas particulares, e fins de semana no campo ou na praia ofereciam um espaço livre de controle social (2000, p. 280).

Desse modo, podemos considerar a dificuldade dos primeiros grupos que se formavam para socialização, muitas vezes tendo que se reunir de forma discreta e sigilosa. Segundo Miskolci (2000), foi somente no final da década de 1970, quando a Ditadura Militar inicia um processo de abertura política que se criam condições para o florescimento dos movimentos sociais, incluindo o movimento LGBT.

Com a ideia de uma possível redemocratização do Estado, foi possível um maior espaço para que movimentos como o Grupo de Afirmação Homossexual, mais conhecido como “Grupo Somos” surgissem. Tal entidade, que iniciou suas atividades em São Paulo, apresenta, em um primeiro momento, uma predominante presença de homossexuais masculinos. A partir de sua criação, outros grupos surgiram no país, alguns motivados por rupturas internas. Entre as principais características desses grupos iniciais estavam a luta por um olhar mais positivo acerca da homossexualidade e a busca por uma melhor relação entre a sociedade e os homossexuais.

O jornal *Lampião da Esquina* também exerceu grande importância para o nascer do movimento homossexual brasileiro. Publicado pela primeira vez em abril de 1978, apresentava-se, segundo Trevisan (2018), como um veículo de informação para a discussão de sexualidades, discriminação racial, artes e machismo. Suas publicações contribuíram diretamente para o fortalecimento do movimento, bem como para o surgimento de novos grupos, já que promovia um espaço para que as movimentações de diferentes localidades fossem expostas e tivessem suas atividades divulgadas. O Jornal encerrou suas atividades no ano de 1981, deixando um grande impacto para o ativismo.

Ainda durante essa época de surgimento e ascensão das causas LGBTs, aconteceu, em 1979, o 1º Encontro de Homossexuais Militantes. Uma das principais ideias levantadas durante o encontro, assim como aponta Facchini (2003), foi a retirada da homossexualidade da lista de doenças mentais. Nesse evento, o público-alvo era exclusivamente os participantes de movimentos engajados na luta pelos direitos dos homossexuais. A partir de 1980, começaram a ser realizados encontros com uma abertura de participação maior, a exemplo do 1º Encontro de Homossexuais

(EBOH). Nesse formato, era possível não só a participação de militantes como também de outros sujeitos sociais.

Tudo parecia caminhar para um fortalecimento do movimento brasileiro até chegar o início década de 1980, quando houve uma desarticulação dos grupos surgidos e uma conseqüente diminuição da participação desses em agendas que pretendiam discutir as questões de sexualidade, principalmente no que tange, como afirma Molina (2011), à desconstrução de identidades homossexuais cristalizadas e à busca de possibilidades de vivências mais positivas.

Muitos são os fatores apontados por pesquisadores para justificar a dificuldade em manter as atividades na primeira metade dos anos 80. Um fator que parece unanimidade é a epidemia de HIV/AIDS, que assustou o país à época. Grupos que antes se organizavam em busca de uma “libertação sexual” para os homossexuais precisavam agora procurar maneiras de enfrentar a luta pela diminuição da forte propagação do vírus. Dessa forma, isso se tornou uma grande barreira na tentativa de uma pretendida relação mais positiva entre homossexualidade e sociedade. Miskolci (2000) destaca que a epidemia inicial de HIV/AIDS teve o efeito de repatologizar a homossexualidade, contribuindo para que certas identidades fossem vistas como um perigo para a saúde pública, passando por um processo de politização controlada.

Em meio aos setores que reagiram de forma mais negativa no tocante à propagação do vírus, estavam as instituições religiosas, em especial aquelas que se alinham ao Cristianismo. Era recorrente que o surgimento da doença fosse associado a um “castigo” pelos supostos pecados praticados por homossexuais. Além dessa associação, era comum também um forte receio por parte de uma grande parcela da sociedade em relação àqueles que representavam certo risco para a propagação do vírus, tornando difícil manter um movimento em favor das relações não heterossexuais.

Outras questões também são levantadas como possíveis fatores para o declínio do movimento. Entre elas, pode ser citada a redemocratização do Estado, que passava aos ativistas a impressão de que a luta por direitos sexuais já não era mais uma pauta necessária. Além disso, a dificuldade financeira enfrentada por alguns grupos para manter suas atividades também pode ser vista como uma das causas para o declínio. Em razão da associação entre a homossexualidade e o vírus do HIV,

conseguir e manter o apoio financeiro de instituições se tornava cada vez mais difícil. É interessante frisarmos que, ainda hoje, embora existam iniciativas e ações para combater essa visão, a propagação do vírus continua sendo umas das acusações enfrentados por LGBTs. Uma prova disso pode ser dada a partir de uma discussão que tem gerado grande repercussão em torno da doação de sangue por sujeitos que mantêm ou se relacionaram com pessoas do mesmo sexo. Essa ação encontra ainda mais restrição quando considerada a relação sexual entre homens, estigmatizados como pertencentes a um “grupo de risco”. De acordo com Souza (2018), desde 2016 tem sido discutida no Supremo Tribunal Federal uma Ação Direta de Inconstitucionalidade da restrição dos doadores de sangue. No entanto, por meio de manobras políticas, o julgamento já foi adiado algumas vezes e, no momento, não existe uma data prevista para a votação.

Do mesmo modo que o surgimento da epidemia é apontado como um dos responsáveis pelo enfraquecimento do movimentado, também ele é visto como um meio de abertura para uma nova fase de ativismo. Molina (2011) sugere que a doença foi uma das principais responsáveis pela força com que o movimento ressurgiu no final dos anos 1990. Segundo a autora, foi possível conquistar uma maior visibilidade por meio de uma aproximação com o Estado Nacional em políticas de enfrentamento e controle da epidemia. Miskolci (2011) destaca que o período de forte enfrentamento do vírus proporcionou alianças, debates e o fortalecimento nas relações com o Estado e a academia que, com os movimentos sociais, disputava editais para a realização de projetos voltados para as questões defendidas pelos militantes.

Ainda durante o período de queda no número de grupos e ativistas, foram realizados mais quatro Encontros Brasileiros de Homossexuais (EBOH), nos anos de 1984, 1989, 1990 e 1992. Como é possível imaginar, a participação caiu consideravelmente no decorrer desses eventos. Entre as propostas levantadas, estavam a luta pelo casamento igualitário, a inclusão da educação sexual nos currículos escolares e a despatologização da homossexualidade.

O 3º EBOH mostrou-se um espaço interessante para a discussão que aqui propomos. Nesse encontro, foi debatida a discriminação religiosa contra LGBTs. Nas suas atas, vemos, pela primeira vez, um debate acerca do par homossexualidades *versus* religiosidades em eventos do gênero. Isso abriu território para que grupos se formassem, cujo interesse específico foi o de tratar assuntos que abrangessem tais

questões. A partir disso, em sua pesquisa sobre o movimento homossexual brasileiro, Facchini (2003) indica que, a partir de 1990, surgiram grupos religiosos que se mostravam mais flexíveis às questões ligadas às sexualidades marginalizadas.

No 6º EBOH, realizado em 1992, já foi possível notar uma presença maior de grupos organizados, incluindo alguns grupos lésbicos, o que resultou na inserção do termo “lésbicas” no encontro seguinte, o qual aconteceu em 1993 e se denominou 7º Encontro Brasileiro de Homossexuais e Lésbicas (EBLHO). Em 1995, foi criada, durante o 8º EBLHO, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). Aqui, nota-se que, pela primeira vez, aparece uma representatividade em relação às travestis, o que culmina na adição do termo ao próximo encontro, sendo ele denominado 9º Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis (EBGLT), em 1997.

As mudanças que ocorreram ao longo do tempo nas siglas desses eventos, possibilitam, de certo modo, traçar um perfil da história do ativismo LGBT no país. À medida que eram realizadas discussões pelos grupos existentes, novas representações surgiam, tornando necessário seu reconhecimento. Ainda em 1995, foi realizada a 17ª Conferência da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA). A proposta de que o Brasil sediasse a conferência demonstrou uma melhor relação com o cenário internacional, já que, em um primeiro momento, os grupos pioneiros costumavam rejeitar a utilização da palavra “gay”, com o objetivo de não ser realizada uma associação com o movimento norte-americano.

Após o 9º EBGLT, em 1997, foi realizada uma caminhada pelas ruas de São Paulo. Esse ato é tido como o nascimento do Dia do Orgulho LGBT no Brasil e é referenciado como a 1ª Parada do Orgulho Gay na cidade, com cerca de dois mil participantes. Dez anos depois, em 2007, a Parada já contava com um público de mais de um milhão e meio de pessoas, sendo considerada atualmente como a maior do mundo. É comum que em eventos como as paradas do orgulho gay sejam questionados os dogmas religiosos, assim como aconteceu em São Paulo na edição de 2017, ocorrida trinta anos após a primeira, e que trouxe como tema "Independente de nossas crenças, nenhuma religião é lei. Todos e todas por um Estado laico". Essas propostas surgem para questionar e lutar contra o conservadorismo e fundamentalismo religioso, cada vez mais presentes e atuantes em nossa sociedade.

Miskolci (2000) chama a atenção para o modo como tem se organizado o movimento contemporâneo. Segundo o autor, há uma tendência que aponta para a

institucionalização dos grupos, ainda que existam aqueles não institucionalizados. O pesquisador mostra que surge uma nova dinâmica na obtenção de recursos, em que as verbas são cada vez mais oferecidas por meio de editais, e essa oferta também se estende para as universidades.

O espaço acadêmico, por sua vez, tem se mostrado como um grande apoiador na defesa dos direitos LGBTs e na discussão sobre os mais variados assuntos no tocante às questões de gênero e sexualidades, inclusive no questionamento da intolerância religiosa contra as minorias identitárias e sexuais. Congressos, seminários, palestras e simpósios temáticos têm incorporado, cada vez mais, essas discussões em suas programações. Assim, destacamos aqui o Seminário Internacional Fazendo Gênero, em sua 11ª edição, e o Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero, da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH) que, em 2018, realizou sua 9ª edição. Somado a isso, Green (2000) expõe a expansão do movimento nacional por meio dos sindicatos que começaram a exigir benefícios das empresas para casais homoafetivos em planos de saúde. O autor salienta que a mídia tem dado um maior espaço para as causas LGBTs. Algumas novelas de televisão retratam de uma maneira mais positiva a figura do homossexual, contribuindo para a desconstrução de estereótipos. Também a publicidade, de um modo geral, tem sido uma importante ferramenta no que se refere à visibilidade conferida na defesa pela diversidade. Entre as muitas campanhas exibidas pela mídia, mencionamos aqui uma peça veiculada pela empresa *O Boticário*. Em comemoração ao Dia dos Namorados, a perfumaria realizou, em 2015, uma propaganda em que diversos casais apareciam trocando presentes e demonstrações de afeto com seus pares. Entre os casais mostrados, chamou a atenção a troca de presentes entre duas mulheres e dois homens, evidenciando que novos modelos de relacionamentos existem e devem ser respeitados. Representantes religiosos e conservadores organizaram mutirões para a realização de comentários em um dos canais da empresa que, diante disso, emitiu uma nota dizendo que “acredita na beleza das relações” e que “valoriza a tolerância e respeita a diversidade de escolhas e pontos de vista”.⁵

⁵ Informações disponíveis em: <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2015/10/propaganda-da-boticario-com-casais-gays-vencedorpremiopublicitario.html>. Acesso em: 14. nov. 2018.

Mott (2006) afirma que, desde a sua fundação, o movimento gay reagiu contra a homofobia religiosa por meio de manifestações e atos políticos, protestando contra as visitas Papais e as declarações homofóbicas de lideranças católicas e protestantes. Assim, não há dúvidas de que o ativismo LGBT tem grande importância na vida de indivíduos vistos como um “desvio da norma” quanto às questões de religião, sexualidade e gênero. Miskolci (2000) aponta que, atualmente, no Brasil, as pautas defendidas têm encontrado um denominador comum em uma agenda anti-homofobia. Com isso, as discussões têm seu foco no combate a um discurso que Molina (2011) chama de heterossexista. Dessa forma, o movimento, por meio da luta por igualdade e pelo reconhecimento de direitos civis, mostra que outras sexualidades, além da heterossexualidade, são possíveis de ser vivenciadas em todos os espaços sociais, incluindo a esfera religiosa. Para Natividade (2008, p. 134), “a emergência de uma reflexão sobre as relações entre religiosidade e homossexualidade ocorre em um amplo contexto de reconhecimento e legitimidade das minorias sexuais na esfera pública”. Desse modo, o fortalecimento de grupos e entidades ligadas à luta pela defesa de um ambiente social menos opressor e mais tolerante às diferenças, mostrou-se e, ainda se mostra como um importante meio de reconhecimento, legitimidade e mudanças sociais no que se refere ao olhar para tais questões.

1.2 - Novos espaços de (r)existências

Do pioneirismo dos grupos que se dedicavam a discutir a intersecção entre as religiões cristãs e o olhar dessas para as sexualidades dissidentes, surgem outras entidades e outros espaços em que temas semelhantes são debatidos. Maria de Fátima Weiss de Jesus (2012) observa que, a partir da década de 1990, foi iniciada uma articulação de grupos inter-religiosos que colocavam no centro de suas pautas as discussões sobre religiosidade e homossexualidade. Segundo a autora, essas conversas eram realizadas, principalmente, por meio da experiência desses sujeitos em suas igrejas de origem. Durante as conversas, relatavam as situações vivenciadas no interior de igrejas tradicionais ao exercerem suas sexualidades em um ambiente que geralmente as condena. Como visto anteriormente, o movimento LGBT foi um dos percursos no que tange ao levantamento e discussão dessas questões.

Musskopf (2005) argumenta, ao traçar um percurso histórico-teológico, que, na década de 1960, a Igreja Católica iniciou um processo de discussão referente à inserção de novos sujeitos teológicos, o que culminou na elaboração de uma Teologia da Libertação, que visava a aproximar a igreja de indivíduos que não estavam inseridos no espaço religioso, a exemplo das populações mais pobres.

Após a Teologia da Libertação, surgiram, ainda, teologias voltadas especificamente para as mulheres e para os negros. Dentro dessa discussão de inserção de novos grupos, começaram a emergir também alguns questionamentos referentes à participação religiosa de homossexuais. Segundo o autor, essas inquietações foram definidas como parte de uma Teologia Gay que, na América Latina, teve seu espaço de surgimento com o contexto da epidemia de HIV/AIDS, quando foi iniciado um grande debate em torno da marginalização perpetuada pelas igrejas e do questionamento às tradições religiosas. Esse foi, portanto, o primeiro momento de uma Teologia Gay na América Latina.

O segundo momento está ligado às comunidades religiosas voltadas para o público LGBT que têm sustentado suas posições por meio de uma teologia variada e ecumênica. Entre elas, mencionamos aqui a Teologia da Inclusão, muito defendida pelas denominadas “igrejas gays”, com o ideal de incluir todos aqueles que, em algum momento, foram ou sentiram-se excluídos.

Muitos desses grupos iniciais, com o objetivo de compartilhar experiências de homossexuais nos espaços religiosos, eram formados de forma independente ou no interior das universidades e/ou grupos militantes, recebendo pouca atenção por parte de outros membros que estavam interessados em discutir outras questões, como, por exemplo, a luta pelo reconhecimento da diversidade sexual e as possíveis formas de enfrentar a epidemia de HIV/AIDS. Dessa forma, poucos são os registros que podemos encontrar acerca das observações realizadas em relação ao par homossexualidade-religiosidade na época.

Um fato que chamou bastante atenção, inclusive da comunidade cristã tradicional, foi a opinião do pastor da Igreja Presbiteriana de Copacabana, Nehemias Marien, que se mostrou favorável aos direitos LGBTs, realizando cerimônias de bênção a casais homoafetivos. Outra ação polêmica do pastor foi caracterizada a partir dos “Cultos do Orgulho”, realizados na Semana Internacional do Orgulho Gay. O seu posicionamento, mesmo que de forma isolada, tendo em vista que não

representava a opinião da comunidade em que ele atuava, configurou como um dos primeiros passos para a inserção e aceitação de LGBTs no ambiente religioso cristão.

Em resposta às manifestações de membros da Igreja Presbiteriana e à reportagens que eram exibidas pela grande mídia, outras instituições resolveram se posicionar, alegando que a prática do pastor estava relacionada com sua opinião pessoal e não ao pensamento do corpo institucional do qual ele fazia parte. Foi muito comum a igreja aparecer nos veículos de comunicação como a “Igreja Gay”, gerando grande repercussão e curiosidade (NATIVIDADE, 2008).

Além disso, também em relação a esses passos iniciais, Facchini (2003) traz o exemplo do grupo CORSA, que realizava celebrações ecumênicas entre 1996 e 1997, proporcionando um espaço para que seus integrantes pudessem debater questões referentes ao tema aqui tratado. Outro lugar de grande importância foi um Centro da Universidade de São Paulo, conhecido como CAHEUSP (Centro Acadêmico de Estudantes de História da USP), que possibilitou o surgimento da Comunidade Cristã Gay (CCG). O grupo fundado pelo Pastor Cristiano Valério realizava a tradução de alguns textos bíblicos disponibilizados no portal da *Metropolitan Community Church* (MCC) sugerindo uma nova leitura que levasse em consideração o contexto social e cultural da época.

Em 1998, discussões internas levaram à divisão da CCG. Entre os novos grupos surgidos, foi formada a Comunidade Cristã Metropolitana. Vale ressaltar que, embora em seu nome existisse uma identificação com a instituição estadunidense, não houve filiação, sendo considerado apenas como um grupo de implantação.

Esses foram, portanto, os caminhos trilhados no início de uma teologia da inclusão no Brasil. Na próxima seção, trazemos o histórico que envolve o surgimento das denominações conhecidas e referenciadas como “Igrejas Inclusivas”.

1.3 - As igrejas inclusivas: do surgimento à atuação no Brasil

Para iniciar esta seção, novamente é necessário abordar os acontecimentos do Norte da América, pois se considera ser também nos EUA o processo de surgimento das Igrejas Inclusivas. O cenário político-social não é diferente daquele exposto quando aludimos à “Revolta de Stonewall”, visto que a primeira congregação inclusiva teve seu nascimento datado no ano de 1968.

Como acontecia com grande parte de sujeitos não heterossexuais, um jovem chamado Troy Perry teve sua sexualidade negada e silenciada dentro de sua entidade de origem. Assim, Perry decidiu convidar para um culto em sua residência pessoas que, em virtude de suas condições sexuais sofriam com problemas de inserção religiosa. O acontecimento deu origem a um grupo que, mais tarde, culminou no surgimento da *Metropolitan Community Church (MCC)*. A partir da criação da instituição e de uma reinterpretação do texto bíblico, foi possível que homossexuais vislumbrassem uma nova identidade: a de homossexual cristão. Sobre essa questão, Oliveira enfatiza:

A resistência e o enfrentamento realizado pelas igrejas inclusivas ao discurso religioso considerado anti-gay e homofóbico, contribuiu para a formação de suas próprias identidades coletivas e de seus próprios discursos militantes e engajados no cenário religioso cristão nos Estados Unidos. A construção de seu próprio discurso, de enfrentamento à interpretação vigente dos chamados “textos de terror” e à homofobia religiosa, foi, de muitos modos, um agregador inicial, gerador de uma tentativa de construção de uma identidade coletiva muito particular. Assim, apesar das instabilidades e inconstâncias de sua própria época de surgimento (os anos 1960), os grupos cristãos inclusivos formaram suas identidades coletivas em oposição ao discurso considerado bélico e condenatório às homossexualidades e identidades de gênero não normativas (2017, p. 28).

Diante disso, ao considerar o contexto de nascimento da MCC, não há como deixar de ponderar a influência que os discursos da época representaram para a construção de novas identidades. Dessa forma, o enfrentamento quanto aos ataques religiosos praticados contra os homossexuais, assim como as passagens bíblicas utilizadas para condenar a homossexualidade influenciaram diretamente essa nova construção teológica e política, o que possibilitou o exercício religioso cristão em consonância com as sexualidades outrora não aceitas.

Em relação à possibilidade de implementação de uma Igreja Inclusiva em solo brasileiro na década de 1960, destacamos:

No Brasil, nos pesados anos sessenta, não havia ambiente histórico e social propício para o surgimento de uma igreja gay, protestante, sobretudo em um país de maioria esmagadoramente católica e com um olhar desconfiado das religiões protestantes e dissidentes do catolicismo. Ser um “bíblia” não era um bom sinal no Brasil. O termo estava associado a uma imagem generalizada e preconceituosa dos evangélicos como indivíduos fanáticos, bitolados e ignorantes. As

enormes diferenças entre as diversas denominações evangélicas eram ignoradas pelo senso comum, colocando como “bíblis” desde os tradicionais e altamente letrados reverendos presbiterianos até os pouco instruídos pastores das Assembleias de Deus, em geral, membros das classes mais baixas e, muitos, de origem nordestina (OLIVEIRA, 2017, p. 36).

Se diante do cenário brasileiro dessa década não era comum imaginarmos a presença de evangélicos, já que éramos um país de predominância católica, fica ainda mais difícil pensar no surgimento de uma congregação ao estilo da MCC. Muitos são os motivos que ocasionariam a implementação de uma filial da *Metropolitan Community Church* ser vista como praticamente impossível e alguns desses fatores já foram expostos na seção 1.1 deste trabalho como, por exemplo, a forte repressão social e política enfrentada durante a Ditadura Militar.

Foi somente após trinta anos do surgimento da igreja norte-americana que foi possível pensar em uma instituição inclusiva no Brasil. Como já vimos, tentativas de eventos e organizações isoladas aconteceram anteriormente; mas, foi a partir do início dos anos 2000 que tivemos aquilo que muitos estudiosos do tema chamam de “proliferação de igrejas inclusivas”. Assim, Jesus (2012), Natividade (2013) e Maranhão Filho (2011) concordam com o ano de 2002 como o ano da inauguração da primeira igreja inclusiva brasileira. Fundada pelo Pastor Victor Ornella, a Igreja Acalanto: Ministério Outras Ovelhas representou o nascimento das instituições inclusivas brasileiras, realizando atividades até o ano de 2004. Nesse período, o reverendo Troy Perry já mantinha relações com o país, tendo fundado, em maio de 2004, na zona central do Rio de Janeiro, mais especificamente em Copacabana, a primeira filial da MCC, a ICM-Rio. Entretanto, por não seguir as normas da matriz, a filial brasileira foi destituída em 2005. A presença de uma nova congregação nos parâmetros exigidos pelo grupo de Troy foi concretizada, ainda em 2005, com a filiação do Pastor Cristiano Valério, da Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo (ICM-SP), que já existia desde 2004 como um grupo de implantação da entidade.

Maria de Fátima Weiss de Jesus (2012) expõe que, inicialmente, as reuniões da congregação de São Paulo ocorriam na sala de estar da casa do pastor, sendo que, somente mais tarde, os cultos começaram a acontecer nas dependências de um hotel localizado na Avenida São João, com uma capacidade de público maior, embora nesse momento o número de seguidores da instituição ainda não fosse significativo.

Mais adiante, em 2008, a sede da ICM-SP passou a ser em um prédio de três andares localizado no Bairro Bela Vista, onde dividia o espaço do terceiro andar com o Grupo Corsa. No entanto, era comum o desejo dos membros da igreja de que a sede passasse para um lugar com maior circulação de LGBTs, favorecendo o acesso desse público aos cultos e ao conhecimento da existência da instituição. Em 2010, a ICM-SP mudou-se para o bairro Santa Cecília, ambiente conhecido pela socialização de gays, lésbicas, travestis e transexuais e pela prostituição masculina. Em acesso ao endereço eletrônico da ICM-SP, tem-se a informação de sua filiação à Fundação Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana, além de uma autorrepresentação que enfatiza:

Somos uma comunidade de pessoas que compartilham do desejo de viver a mensagem de Jesus de forma a incluir, e não excluir; curar, e não ferir; pacificar, e não guerrear; encorajar, e não desanimar; libertar, e não aprisionar; incentivar a liberdade e criatividade de pensamento. Buscamos amar o mundo como Deus o faz, seguindo o caminho de Jesus, sensíveis aos ventos do Espírito Santo, buscando discernir a Voz de Deus na tradição bíblica, e o mover do mesmo Deus no contexto de nossa cultura. Somos uma igreja que reconhece a Jesus Cristo como libertador e salvador dos excluídos e testemunhamos fielmente Sua Palavra como a Verdade que liberta (João 8, 32 e 36) (IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA, 2018).

Assim como as demais congregações inclusivas, a ICM-SP figura como um espaço de inclusão e aceitação em seu discurso de autorrepresentação. É interessante mencionar que a instituição se apresenta como a “Igreja dos Direitos Humanos”, sendo conhecida por apresentar um engajamento mais político e por sua proximidade com a militância LGBT. Com isso, defende uma visão mais positiva acerca das minorias sexuais e atua na luta pela cura da “homofobia internalizada”, oferecendo um espaço de cuidado para tratar das “feridas” deixadas pelo preconceito relacionado com as questões sexuais.

Como pode ser observado, esse momento inicial do surgimento das igrejas inclusivas acontece principalmente no eixo Rio de Janeiro - São Paulo. Com a expansão da teologia da inclusão, outras cidades e estados começaram a mostrar interesse por essa nova possibilidade de exercício da fé, culminando na já destacada proliferação dessas instituições. A partir disso, Weiss (2012) destaca que é iniciado um campo de disputa próprio em torno daquilo que Natividade (2008) chama de

“significado da homossexualidade”. Para a autora, essa disputa ocorre por intermédio de duas vias: a primeira apresenta um caráter teológico, com vertentes que se aproximam ou se distanciam das igrejas cristãs tradicionais; a segunda insere-se no caráter da sexualidade, com um olhar mais ou menos regulador, apresentando diferentes visões sobre o seu exercício. Essas diferentes formas de olhar para as questões teológicas e sexuais colaborou para a ruptura de muitos grupos, ocasionando o surgimento de outros.

Uma das cisões ocorreu na Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro, da qual, após ser desvinculada da MCC, o Pastor Marcos Gladstone resolveu se afastar e iniciar o processo de criação de uma nova instituição. Segundo a pesquisa etnográfica realizada por Natividade (2008), a sede carioca tinha se tornado popularmente conhecida através da mídia como “Igreja Gay”, e isso incomodava Gladstone. Para ele, o objetivo de uma entidade cristã deveria ser o de acolher todas as pessoas que, em algum momento, não se sentiram aceitas em outras congregações, incluindo os homossexuais, mas não os considerando como único público-alvo.

A preocupação do pastor era (e ainda é) comum a muitos outros representantes de igrejas diversas, que questionam o termo “inclusivas”, afirmando que ele pode dar justamente uma ideia de igrejas “exclusivas”, destinadas a apenas um público. Outros, no entanto, não entendem assim a utilização do termo e inclusive o inserem no nome da instituição. Isso impulsionou mais uma das tensões e disputas enfrentadas no surgimento das denominações e consolidação de novas entidades, como aconteceu em 2006 com a inauguração da Igreja Cristã Contemporânea, liderada pelo Pastor Marcos Gladstone após seu afastamento da IMC-Rio.

Considerando a importância da ICC para este trabalho, na seção seguinte iremos tratar de suas principais ideias e do seu campo de atuação dentro do contexto de igrejas não condenatórias das sexualidades não hegemônicas.

1.4- A Igreja Cristã Contemporânea

Como já foi visto, a Igreja Cristã Contemporânea nasceu no interior da ICM-Rio, movida pela vontade do Pastor Marcos Gladstone. Um dos problemas enfrentados na criação da entidade, como aponta Natividade (2008), foi a divisão provocada entre os membros. Enquanto uns seguiram e apoiaram a ideia de

Gladstone, outros se dirigiram a outras instituições, deixando o grupo com um número pequeno de apoiadores. Entre os que ficaram, era unânime o ideal da construção de uma igreja com uma identidade própria, sem seguir um modelo já estabelecido, assim como aconteceu com as ICMs.

Durante esse período de transição, foram discutidos alguns assuntos no tocante à postura que a organização deveria adotar acerca da homossexualidade e a seus membros. Nesse momento, foi pensando também o nome da congregação. Natividade (2008) elucida que o termo “contemporânea” tinha como objetivo indicar que a denominação se pretendia “moderna”, “sem preconceitos”, devendo ser vista como uma “igreja para frente”.

Na pesquisa etnográfica realizada pelo autor, são expostos alguns comentários de membros da instituição, fazendo uma comparação entre a ICC e a ICM-Rio. Os entrevistados comentam que a postura adotada pela Igreja da Comunidade Metropolitana era um pouco diferente daquela que pretendiam, pois existia uma maior tolerância com os comportamentos tidos como não religiosos, a exemplo do relacionamento aberto. Desse modo, os membros podiam manter relações amorosas com mais de uma pessoa, desde que com consentimento de todos. O que podemos perceber com a criação da ICC é um novo olhar e uma nova posição em relação àquilo que seus representantes acreditavam ser uma igreja e em como deveria ser exercida a sexualidade de seus fiéis. Diante disso, podemos perceber aquilo que Natividade (2008) apontou como “significado da homossexualidade”, já que o “ser homossexual” é visto de forma diferente em cada uma dessas instituições.

Tavares *et al.* (2017) destacam que, em 2007, foi criado o “Código de Condutas da ICC”, com uma série de proibições e recomendações da forma como os seus seguidores deveriam se comportar. De acordo com esse código, houve um deslocamento do pecado da homossexualidade para o pecado do sexo sem compromisso. Segundo a visão dos autores, tal documento expressa como os fiéis deveriam vivenciar seus relacionamentos sexuais, primando pelas relações estáveis e não confundindo a igreja como um “lugar de pegação”, além de evitar a ida a lugares que pudessem atribuir uma imagem negativa à instituição.

Assim, percebe-se que a ICC adquire um olhar muito mais voltado para o que se entende como uma igreja nos moldes tradicionais e se afasta de discursos como aqueles que se fazem presentes na ICM, apresentando um caráter muito mais

controlador da sexualidade e da vida de seus membros eclesiásticos. Essa diferença teológica e moral foi um dos fatores que motivou a ruptura com a congregação da *Metropolitan Church* e que atribuiu à Igreja Cristã Contemporânea uma nova identidade, de acordo com o que seus representantes acreditavam e defendiam.

Com base nas informações disponibilizadas no *site* institucional, o nascimento da ICC se deu no dia 10 de setembro de 2006, em um encontro que contou com a presença de aproximadamente vinte pessoas no terceiro andar de um sobrado localizado no bairro da Lapa. Somente mais tarde, com um público maior, atraído por meio da divulgação em *outdoors* e em diversas outras campanhas publicitárias, a instituição ganhou um novo endereço, passando a ministrar seus cultos em um prédio situado no Centro carioca. Com o público aumentando a cada celebração, o endereço novamente foi alterado, dessa vez para o bairro de Madureira, onde foi consagrada a sede nacional da Igreja Cristã Contemporânea, em 2011. Em 2015, a falta de espaço voltou a ser um problema, sendo também no bairro de Madureira fundada a Catedral Contemporânea.

Em seu discurso de autorrepresentação, a instituição é caracterizada da seguinte forma:

levar o amor de Deus a todos, sem preconceitos[...] através de um ministério que reflete a imagem do Senhor Jesus que adequou à sociedade e à cultura de seu tempo um chamado vivo de comunhão com Deus, acolhendo todos os excluídos, sem impedimento religioso algum (IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA, 2018).

Com um amplo trabalho realizado em conjunto com as novas mídias da comunicação e da informação, a denominação vem ganhando mais notoriedade. Assim, o número de fiéis e filiais tende a aumentar. Atualmente, a ICC está presente em quatro estados brasileiros: Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, com um total de onze templos, que possibilitam vivências religiosas para indivíduos tidos como “pecaminosos” para as vertentes cristãs mais conservadoras, que os impede do pertencimento em suas congregações.

2- “ A TECNOLOGIA MOVE O MUNDO”: O CIBERESPAÇO E A DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES

No capítulo que ora apresentamos, em “2.1- A comunicação nossa de cada dia”, trazemos algumas considerações sobre os processos comunicacionais, em especial aqueles que vêm sendo mediados pela rede mundial de computadores. Contribuindo com a discussão, em “2.2- A democratização do acesso à internet no Brasil”, destacamos as principais políticas públicas adotadas pelo governo brasileiro em vistas de uma maior inclusão digital no país. Além disso, nos apropriamos de alguns dados de pesquisas já realizadas para que melhor possamos realizar a discussão. Na sequência, para finalizar, em “2.3- Novos arranjos da comunicação: as páginas institucionais”, damos uma atenção especial a essas plataformas, considerando a importância que exercem para este trabalho.

Por fim, mencionamos que o título deste capítulo “A tecnologia move o mundo” resgata um dizer de Steve Jobs, nome de grande importância para o cenário tecnológico mundial.

2.1- A comunicação nossa de cada dia

A comunicação se faz presente em nossas vidas desde o momento em que nascemos, ou até mesmo anteriormente a este momento, quando pessoas procuram estabelecer contato com a criança ainda no ventre materno. Nascemos, crescemos e vivemos em um mundo em que o ato de comunicar ocupa um papel central e de grande importância. Desde os tempos em que ainda não havia a presença de uma cultura escrita, a humanidade procurou outras formas de comunicar-se e negociar sentidos dentro de suas comunidades.

Com as mídias da comunicação e da informação, proporcionadas pelo advento tecnológico e pelo acesso à internet, estabelecer comunicação com o outro tornou-se uma tarefa muito mais dinâmica. Anteriormente, para enviar um recado, um convite ou uma saudação a uma pessoa situada em um espaço geográfico mais distante, era necessário um maior planejamento temporal, visto que a mensagem não chegaria com a mesma velocidade com que chega na atualidade. Não precisamos de um grande esforço para imaginar o quão trabalhoso seria a divulgação, por um indivíduo

para seus pares, de uma notícia como, por exemplo, a inauguração de uma nova igreja em sua comunidade. Com as TICs (tecnologias da comunicação e da informação), atividades como essas se tornaram muito mais fáceis e simples de serem realizadas, bastando, por exemplo, marcarmos um amigo ou compartilharmos uma notícia para que assim muitos possam ter acesso a ela. Diante disso, vemos que para cada período da nossa história e da nossa vida, corresponderão diferentes formas de interagirmos com o outro. Santanella expõe:

a entrada do século XXI deverá ser lembrada no futuro como a entrada dos meios de comunicação em uma nova era: a da transformação de todas as mídias em transmissão digital, como se o mundo inteiro estivesse, de repente, virando digital. Transmissão digital quer dizer a conversão de sons de todas as espécies, imagens de todos os tipos, gráficas ou videográficas, e textos escritos em formatos legíveis pelo computador. Isso é conseguido porque as informações contidas nessas linguagens podem ser quebradas em tiras de 1 e 0 que são processadas no computador e transmitidas via telefone, cabo ou fibra ótica para qualquer outro computador, através de redes que hoje circundam e cobrem o globo como uma teia sem centro nem periferia, ligando comunicacionalmente, em tempo quase real, milhões e milhões de pessoas, estejam elas onde estiverem, em um mundo virtual no qual a distância deixou de existir (2001, p. 1).

Essa nova era, assim como aponta Santanella, leva-nos cada vez mais a “ocuparmos” os espaços virtuais. Panfletos, cartazes e propagandas nos direcionam para endereços eletrônicos, por meio de algo que podemos entender como um “convite de visita”. Isso também pode ser observado no segmento religioso. A Igreja Cristã Contemporânea, por exemplo, nos indica através de vários suportes a existência de sua página institucional, mostrando a importância dessas modalidades de comunicação no que tange o processo de evangelização e divulgação da entidade, conforme podemos observar na compilação de imagens trazidas na figura seguinte:



Figura 1: Divulgação da página institucional. Fonte: Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <https://www.facebook.com/igrejacontemporanea/> Acesso em: 05. Jul. 2018.

Temos diferentes formas de divulgação da congregação: panfleto, *outdoor*, camiseta e painel. Todas essas imagens apresentam, em comum, a exibição do *website* da entidade. Diante desse direcionamento, podemos destacar, mais uma vez, a influência que o advento tecnológico, em especial as TICs, exercem sobre a forma como os sujeitos se comunicam atualmente e, de um modo mais geral, como essas tecnologias agem sobre suas vidas.

Assim, Levy (1999) destacava que estávamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, cabendo a nós apenas explorar as suas potencialidades positivas nos planos econômico, político, cultural e humano. Dessa forma, o modo como cada sujeito se apropria dos espaços virtuais de interação, reflete diretamente

na sociedade como um todo. A internet, sem dúvidas, oferece potencialidades, nos mais diversos planos de atuação, mas é responsabilidade de cada usuário administrar da melhor maneira a sua inserção no espaço *on-line*.

De acordo com Castells (2003), fazemos parte de uma sociedade de rede, em que a internet é o tecido de nossas vidas. É ela quem permite, assim como define o autor, a comunicação de muitos com muitos, transformando o modo como interagimos com o(s) outro(s). Para isso, basta pensarmos em informações que disponibilizamos em nossas redes sociais. Ao compartilharmos, por exemplo, uma fotografia de um almoço em família, não estamos dividindo o momento somente com aqueles que constam em nossa lista de amigos, mas também com todos os outros com os quais estabelecemos uma rede virtual de comunicação. Diante disso, a depender da rede social em que nos inserimos, até mesmo o dispositivo de localização pode levar nossas informações para outros usuários identificados como “fisicamente próximos”. O mesmo acontece com um endereço eletrônico como uma página institucional. Os textos que ali são exibidos, não se dirigem a um grupo seletivo e limitado de pessoas, embora, na maioria dos casos, seja um grupo específico que acessa esse endereço. Ao divulgar um *Website* de uma igreja inclusiva, como acontece no caso que aqui iremos analisar, o locutor não está direcionando sua mensagem para alguém do mesmo modo que ocorreria com a escrita de uma carta. Em um ambiente virtual, as pessoas que visitam uma página, chegam até lá por diversos caminhos e objetivos. O acesso pode ter sido possibilitado por meio da divulgação de uma notícia, pela indicação de um amigo ou até mesmo por pesquisas realizadas em portais de busca. Do mesmo modo, o motivo da visita pode variar desde a curiosidade por uma nova possibilidade de prática cristã até uma finalidade acadêmica, como é o nosso caso.

O fato é que, tudo isso, só se torna possível mediante um espaço compreendido pela rede de computadores que tem como uma de suas principais características, a possibilidade de comunicação. Esse ambiente vem sendo denominado pelos estudiosos da área como “ciberespaço”. Lévy destaca:

o ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (1999, p. 15)

Diante do exposto, podemos compreender a amplitude do termo e a importância de refletirmos sobre ele, principalmente na contemporaneidade em que, cada vez mais, tudo parece acontecer por meio dos ambientes virtuais. Lévy (1999) destaca ainda que, junto a esse espaço, desenvolvem-se um conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que pode ser denominado de cibercultura. Isto é, assim como em outras esferas, são criadas e negociadas situações e modos de agir muito específicos. Com isso, é comum verificarmos ocasiões que dificilmente presenciariamos em uma circunstância não virtual de interação que, por sua vez, apresenta outras particularidades.

Sem dúvidas, o ciberespaço possui características que interferem e demarcam a forma como as pessoas dele se utilizam. Não poderíamos aqui deixar de mencionar algumas delas, a exemplo da possibilidade de anonimato, uma vez que os sujeitos estão inseridos em lugares que possibilitam uma troca ou uma exposição de opinião na não presença do outro. Essa possibilidade de ser quem se quer e, com isso, também dizer aquilo que se quer e que muitas vezes não seria dito se estivéssemos assumindo nossa própria identidade frente ao nosso interlocutor, permite com que enunciados anteriormente não ditos, cheguem até pessoas com as quais o nosso dizer seria alterado ou até mesmo impossibilitado se estivéssemos fora do mundo virtual. Ao considerar essa possível ocultação e o projeto que aqui iremos analisar, devemos destacar que, diante de um segmento religioso que muitas vezes julga e condena os sujeitos que apresentam sexualidades dissidentes, não mostrar uma identidade, pode ser uma alternativa interessante para quem visita a página de uma igreja inclusiva com o objetivo de coletar informações. Certamente, a busca em um espaço físico, impediria a presença de muitos curiosos.

Outra característica de grande relevância é a interatividade autorizada por esses espaços. O simples ato de criar um perfil em um site de relacionamento, como por exemplo, o *Facebook*, já é o suficiente para que estejamos conectados com o mundo. Em uma rede social como essa, temos em nosso perfil pessoas que já fazem parte do nosso vínculo de amizade e pessoas que conhecemos e iniciamos um relacionamento virtual, muitas vezes motivado por interesses em comum. Além desses dois grupos, temos ainda aquelas que estão conectadas a todas essas outras com as quais estabelecemos interação. Assim, muitas das ações praticadas por todo

esse grupo inserido no ambiente virtual chegam até nós. Visualizamos o tempo todo notificações que apontam para curtidas, comentários, marcações e compartilhamentos realizados por nossos amigos, fazendo com que estejamos cada vez mais presentes em suas vidas, mesmo que não fisicamente.

Por outro lado, do mesmo modo que a internet tem o poder de nos aproximar de pessoas que não estão perto, ela nos distancia daqueles que presencialmente nos rodeiam. Para isso, podemos observar uma reunião de amigos em que cada um fica concentrado em seu aparelho celular, esquecendo as relações que existem fora das redes sociais virtuais. Em um mundo permeado por tragédias mostradas a todo o momento na televisão, a internet se apresenta como uma alternativa em que o usuário pode escolher aquilo que vê, criando um mundo mais próximo daquele que idealiza.

Na próxima seção, trazemos algumas considerações sobre as principais políticas públicas que foram pensadas para o acesso à internet em nosso país.

2.2- A democratização do acesso à internet no Brasil

Considerando a importância que a internet exerce sobre a vida da população, o governo brasileiro inicia um amplo trabalho para a sua democratização, reconhecendo que o acesso seja um direito de todos. Em 2010, através do Decreto nº. 7.175/2010, foi criado o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL), com o intuito de facilitar o acesso à internet no Brasil até 2014, ano em que o país sediou a Copa do Mundo. Entre uma das medidas adotadas por esse Plano, estava a diminuição dos valores cobrados pelas empresas que ofertam o serviço, assim facilitando o acesso, sobretudo daqueles que moravam em regiões mais afastadas dos centros urbanos. Muitas cidades foram contempladas pela medida, no entanto, o trabalho prestado pelas empresas se mostrou insatisfatório para grande parte dos atendidos.

Dilma Rousseff, presidenta eleita nas Eleições Gerais de 2014, em seu primeiro ano de governo, aprovou o Marco Civil da Internet (Lei Federal nº. 12.965). Na ocasião, a presidenta salientou que “o Brasil deu um grande passo em um processo pelo qual nós incluímos e garantimos renda para boa parte da população. Tão importante quanto a renda é o acesso à internet”. Entre os diversos avanços alcançados com a aprovação da lei, podemos citar a regulamentação do uso de dados no Brasil, a garantia de direitos das operadoras e dos usuários e, principalmente, a

ideia de uma necessária inclusão digital. Ao abordar o conceito de inclusão digital, concordamos com Rezende (2014) ao alertar que a inclusão não se resume somente ao ato de disponibilizar aparelhos de computadores para a população, mas também capacitá-la para que tenha condições de se apropriar das ferramentas e dos recursos tecnológicos. Notamos que essa foi também uma das preocupações do governo ao longo dos anos. Se inicialmente a ideia era facilitar a compra de computadores por meio do Programa Computador para Todos, logo essa iniciativa estendeu-se também para a capacitação dos novos usuários, por meio de cursos de formação oferecidos pelo governo em parceria com as instituições privadas.

Em um país em que são alarmantes as desigualdades sociais, a democratização do acesso à internet, se apresenta como uma importante iniciativa no tocante às possibilidades de comunicação, informação e interação. A partir de políticas públicas implantadas durante os governos de Lula e Dilma, foram firmadas parcerias com os estados e municípios. Muitas escolas receberam computadores e passaram a oferecer internet sem fio aos alunos. Todas essas ações, contribuíram para uma maior inclusão digital e social.

Como salientam Lenhardt e Fontana (2016), a internet, que inicialmente servia para fins militares em um período de tempo que demarca o final da Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, foi desenvolvida pelo governo norte-americano através de um projeto chamado ARPAnet, com o objetivo de estabelecer uma comunicação rápida e segura entre as bases militares dos Estados Unidos. Atualmente, segundo os autores e observações que podemos realizar de forma empírica, houve uma popularização do seu acesso e uma multiplicidade no que tange as finalidades de uso. Assim,

a produção de conteúdo que até então era compilada através de livros, jornais, televisão, passa a ter existência no ciberespaço por meio de blogs, vlogs, canais como o Youtube e redes sociais. Rompe-se o paradigma moderno de tempo-espaço, a sociedade industrial sucumbe em face da sociedade da informação ou sociedade em rede, que se apresenta como uma estrutura de organização da sociedade baseada nas TIC's (tecnologias de comunicação e informação). (LENHARDT; FONTANA, 2016, s/p)

Diante desse contexto, aquilo que inicialmente era usufruído somente por uma classe mais privilegiada da população, passa a ser uma realidade para muitos outros

sujeitos sociais que até então não estavam inseridos nos espaços virtuais de comunicação, entretenimento e informação. No Brasil, isso se tornou possível por meio das políticas que foram desenvolvidas ao visar uma maior democratização através do olhar para o acesso às TICs enquanto garantia de um direito social. Tais políticas foram inclusive elogiadas pela ONU como “um bem fundamental” (ONU,2016)⁶.

Diversas pesquisas apontam para os reflexos das ações públicas de universalização da Internet. Para este trabalho, trazemos dados expostos pelo portal Cetic⁷ em um período de 10 anos (2007-2017). O portal expõe os indicadores de pesquisas que são realizadas pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Informação (Cetic). Os dados abaixo, mostram a proporção de domicílios com acesso à internet entre 2007 e 2017, respectivamente.

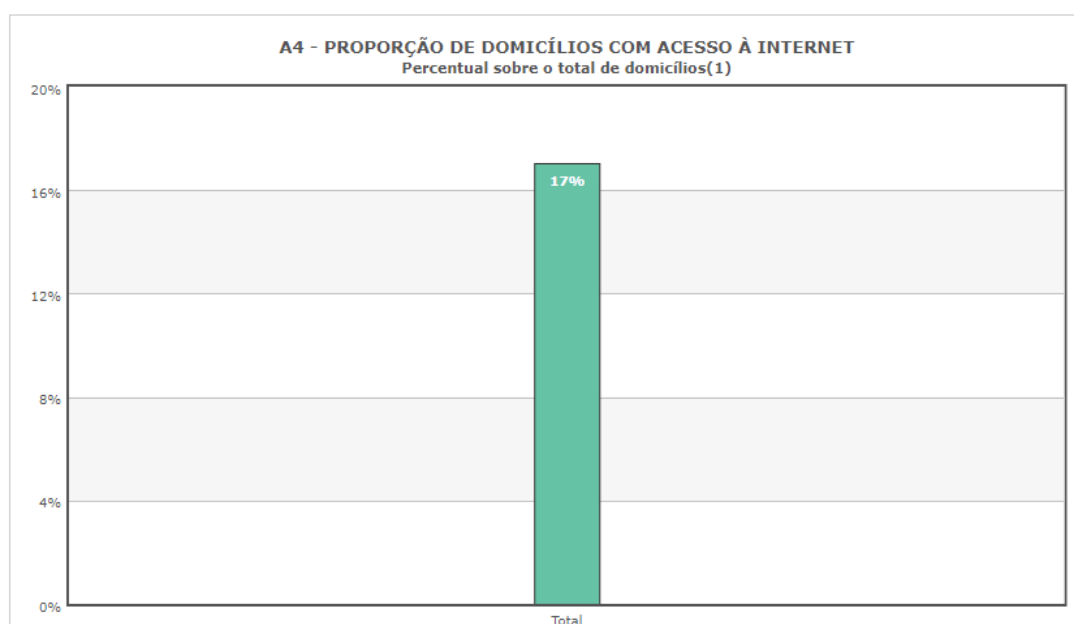


Figura 2: Dados sobre o uso da internet no Brasil (2007). Fonte: Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade e da Informação (Cetic.br). Disponível em <http://data.cetic.br/cetic/portal>. Acesso em: 26. Nov. 2018.

⁶ A informação pode ser conferida por meio da Resolução 20 do Conselho de Direitos Humanos da ONU de 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/resolucao-da-onu-condena-paises-que-bloquearem-acesso-a-internet/>. Acesso em: 02. Dez. 2018.

⁷ O portal pode ser acessado em: <https://www.cetic.br/>.

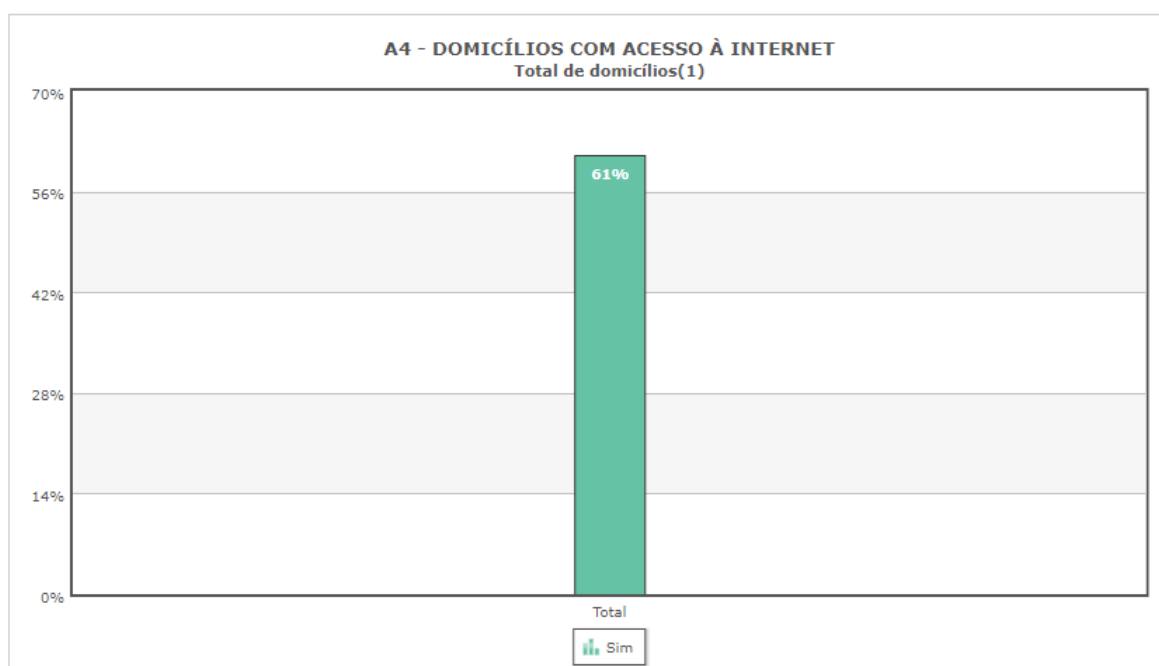


Figura 3: Dados sobre o uso da internet no Brasil (2017). Fonte: Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade e da Informação (Cetic.br).Disponível em : <http://data.cetic.br/cetic/portal> . Acesso em: 26. Nov. 2018.

Quando olhamos para os gráficos trazidos acima, podemos verificar que as políticas públicas implantadas durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, que estiveram à frente do país durante os anos de 2002- 2016, refletem diretamente nos dados obtidos. O portal não insere em seus resultados a porcentagem de “domicílios com acesso à internet” em amostragens trazidas anteriores ao ano de 2006, quando foi acrescentado o item na pesquisa. O fato de não ser trazido em análises anteriores, pode indicar que esse não era um fator de interesse dos pesquisadores, uma vez que poucas pessoas acessavam a internet e o crescimento dos usuários era demasiadamente lento.

Por outro lado, quando comparamos os dados de 2007 e 2017, período de uma década, vemos que houve um considerável aumento. Em 2007, tínhamos um percentual de apenas 17% dos domicílios brasileiros com acesso à rede, o que não configurava nem a metade da nossa população. Esse número mostra que o poder de acesso estava concentrado nas mãos de poucos, permitindo-nos dizer que, nesse período, tínhamos um país predominantemente off-line. O mesmo não podemos afirmar de 2017 quando, segundo os dados do levantamento aqui trazido, 61% dos

domicílios estavam conectados. Ou seja, no período correspondido entre as duas amostras, houve um aumento de 44%, percentual a ser considerado como de grande importância.

Sem dúvidas, ao considerar tal acesso como uma garantia de direito de todos, o governo atuou diretamente sobre esse número. Sem as ações promovidas através de políticas públicas em parcerias com estados, municípios e o setor privado, esse significativo crescimento possivelmente não se daria da mesma forma. Um outro fator a ser considerado é o aumento de empresas que oferecem pacotes e franquias de dados, a exemplo das operadoras de telefonia móvel.

Hodiernamente, não é somente através do computador que acessamos às redes. Diferentemente de um tempo atrás, podemos acessá-las por meio de diversos dispositivos móveis (laptop, notebook, netbook, tablet, celular, smartphone etc.). Do mesmo modo, se antes tínhamos que estar conectados a um cabo de rede, hoje temos a facilidade das redes sem fio. Abaixo, trazemos dados sobre a presença dos equipamentos TICs nos domicílios:

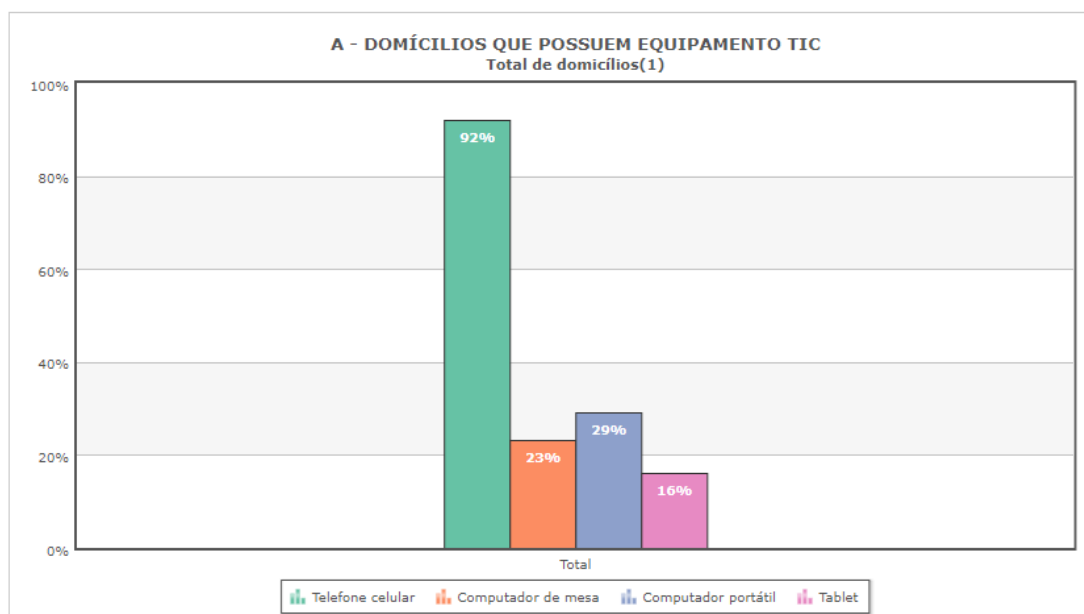


Figura 4: Domicílios que possuem equipamento TIC. Fonte: Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade e da Informação (Cetic.br). Disponível em <http://data.cetic.br/cetic/portal>. Acesso em: 04. Dez. 2018.

Os percentuais representam o ano de 2017 e nos trazem uma série de inferências. Como podemos visualizar, o número de domicílios com computador de

mesa (23%), tablet (16%) e computador portátil (29%) é consideravelmente baixo quando comparados aos números apresentados para a presença de telefone celular (92%). Isso mostra um direcionamento da internet para os dispositivos móveis, cada vez mais presentes em nossa sociedade. Ao associarmos esses dados àqueles exibidos anteriormente sobre os domicílios com acesso à internet (61% em 2017), podemos perceber que muito desse acesso se dá por meio dos dispositivos móveis. Dessa forma, o uso de computadores de mesa ou até mesmo portáteis, fica mais restrito para aquelas pessoas que necessitam desses aparelhos para o trabalho, por exemplo. Por sua vez, os telefones celulares, se mostram mais dinâmicos, fáceis de manusear e transportar. Com um aparelho celular e uma rede de internet, em qualquer lugar que estejamos, é possível estabelecermos uma conexão com o mundo.

Diante desse cenário, destacamos a importância do acesso à internet ter ocupado uma das pautas do Governo Federal. É claro que, somado a isso, consideramos o desenvolvimento tecnológico da telefonia móvel, que tornou tudo muito mais acessível. Devemos considerar que, quanto mais pessoas se inserem nos ambientes virtuais, mais suportes de comunicação, entretenimento e informação são criados. Assim, podemos assistir o surgimento de muitos aplicativos, redes sociais, sites de relacionamento e páginas institucionais que, ponderando a importância que exercem para esta pesquisa, dedicamos o item a seguir para tratar de suas especificidades.

2.3 – Novos arranjos da comunicação: as páginas institucionais

Do mesmo modo que pessoas buscam atrair a atenção de seus interlocutores por meio da criação de perfis em espaços como *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*, as empresas e instituições, também atentas ao potencial que a internet oferece, buscam realizar sua divulgação através de muitas plataformas do ciberespaço. Entre uma das conhecidas e difundidas, destacamos as páginas institucionais.

Como a própria nomenclatura sugere, tais páginas apresentam como ideia central a divulgação de uma dada empresa/ instituição/ evento. Atualmente são muitos os recursos disponíveis para a criação desses canais, podendo ser realizada com a ajuda de tutoriais que, de forma didática, mostram um passo-a-passo ao interessado.

Com a expansão das tecnologias da comunicação e da informação, a criação de um endereço eletrônico de uma empresa no ambiente virtual representa algo como

uma “certidão de existência”. É preciso criar um *Website* para demarcar que uma entidade existe. Dessa maneira, de forma muito semelhante ao modo pelo qual as pessoas escolhem a melhor foto para colocar em seu perfil de uma rede social, essas páginas buscam selecionar aquelas informações que melhor representam uma determinada instituição, de acordo com a forma como essa pretende e quer ser vista.

Geralmente, as páginas institucionais cumprem o papel de apresentar as ideias, ações e visões de uma entidade por meio de um endereço da *Web*. Por apresentar esse caráter informativo, certas características são comuns, a exemplo da logomarca da instituição/ produto/marca, seu *slogan*, sua localização e o *link* para um possível contato com o (s) interlocutor (es).

Com a facilidade do acesso à internet, cada vez mais, os sujeitos procuram informações no espaço virtual. Muitas vezes, é em uma página institucional onde essas informações podem ser encontradas com maiores detalhes. Escolas, universidades, shoppings, personagens, emissoras de televisão, políticos e até mesmo igrejas cristãs têm se utilizado do ciberespaço para realizar a sua divulgação.

Jungblut (2012) salienta que desde a popularização da internet, são as instituições evangélicas aquelas que mais se apropriaram do espaço. Segundo o autor, as páginas da *Web* eram as que davam uma maior visibilidade a esses grupos. Passado um tempo da pesquisa, Jungblut menciona que essa situação pouco mudou. Um dado interessante trazido pelo autor é o de que, a partir de suas observações em período de 10 anos, os grupos religiosos mais eficientes no que se refere a utilização dos recursos digitais, incluindo os *websites*, são aqueles que têm uma maior tradição de uso da cultura escrita na forma em que vivenciam sua fé, a exemplo dos espiritas e evangélicos. Outro grupo que se destaca é aquele em que os indivíduos tomam o proselitismo militante como uma obrigação religiosa. Diante disso, ao procurar novos adeptos para suas congregações e crenças, as plataformas digitais se apresentam como um espaço de grande potencialidade, funcionando como uma “vitrine” diante do mundo. No próximo capítulo, trazemos algumas observações sobre a Teoria Dialógica do Discurso, fundamentação teórica que melhor nos possibilita pensar o processo de criação, manutenção e divulgação desses espaços.

3- PANE NO SISTEMA, ALGUÉM ME DESCONFIGUROU”: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA TEORIA BAKHTINIANA

Neste capítulo, temos por objetivo apresentar as principais ideias teóricas e metodológicas do Círculo de Bakhtin. O grupo de estudiosos que teve em Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medvedev seus representantes de maior destaque iniciou seu trabalho no século XX, mais especificamente em 1918. As obras do Círculo foram marcadas por grandes problemas de recepção ao ultrapassarem as fronteiras da antiga União Soviética, provocados pela chegada dos escritos em uma ordem não cronológica e mesmo por desvios de tradução para as diversas línguas em que foram vertidas. Além disso, é importante destacar que alguns textos não foram finalizados, sendo apenas manuscritos recuperados. No Brasil, a primeira tradução realizada foi da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, que chegou ao país em 1979. Atualmente, as ideias do Círculo estão incorporadas em diversas áreas das Ciências Humanas, incluindo os Estudos Linguísticos. Dentre suas contribuições para o nosso campo de estudo, podemos mencionar o caráter social atribuído à linguagem, que se constitui por meio da interação entre sujeitos. É nesse contexto que o trecho de música⁸ trazido no título desse capítulo pretende considerar, de acordo com as ideias aqui expostas, que o sujeito não recebe um sistema pronto e acabado. A configuração dada a priori pertence ao nível da língua, sendo que o sujeito atua em uma constante *desconfiguração* desse sistema, conforme as particularidades do uso.

Para apresentar essas ideias, dividimos este texto em três seções. Na primeira são apresentadas as principais contribuições referentes aos conceitos de linguagem, interação e dialogismo. Na sequência, trazemos uma discussão sobre gêneros do discurso, esferas de atividade e projeto enunciativo. Para finalizar, descrevemos os mais importantes princípios metodológicos do Círculo.

3.1- Linguagem, Interação e Dialogismo

Volóchinov (2017 [1929]) denominou como Subjetivismo Idealista e Objetivismo Abstrato as duas tendências do pensamento filosófico-linguístico que antecederam as observações do Círculo e permearam os estudos da linguagem por muito tempo. Para

⁸ A canção referida é “*Admirável Chip Novo*”, presente no álbum de estreia da cantora Pitty.

o Subjetivismo Idealista, a língua apresenta como sua principal função a transmissão do pensamento, sendo este de caráter puramente individual. Os defensores dessa visão, sendo Wilhelm Humboldt um de seus principais nomes, alegam ainda que a criação linguística se assemelha à criação artística. Assim, a língua exerce uma função individual importante, em um mundo no qual se pressupõe não haver a necessidade de interação com o outro no processo de construção e negociação de sentidos. Já para o Objetivismo Abstrato, ela é encarada enquanto sistema, nos seus níveis morfológicos, sintáticos e fonológicos, aproximando-se das posições defendidas pelo estruturalismo linguístico ao apresentar um olhar voltado para um sistema abstrato de formas linguísticas. Com isso, o contexto extraverbal não a modifica, uma vez que é normatizada e existe independentemente das interações estabelecidas entre sujeitos, havendo, assim como aponta Volóchinov (2017 [1929]), “uma ruptura entre a história e o sistema da língua”.

Em contrapartida a essas tendências, o Círculo determinou o que considera a verdadeira essência da linguagem. Para os pensadores, ambas as correntes não representam a realidade da comunicação discursiva, visto que se centravam, exclusivamente, ou no caráter individual dos sujeitos ou na ideia de um sistema linguístico. Ainda que não negasse a existência de um certo individualismo ou de um sistema, o autor considerou que estudar a linguagem a partir dessas perspectivas tornaria seu tratamento insuficiente, sendo necessário ir além na busca pelo objeto da filosofia da linguagem.

Ao concluir suas críticas, Volóchinov salienta que “a língua vive e se forma historicamente, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 220). Com isso, se os postulados apresentados por essas duas tendências não se mostram adequados para o trabalho com uma língua viva e dinâmica, como aponta o autor, devemos nos debruçar sobre as considerações que focalizam a linguagem inserida nas esferas únicas das relações sociais, assim como concebida pelo denominado Círculo de Bakhtin.

Bakhtin (2011 [1952-1953]) argumenta que as funções da linguagem, senão por desconhecimento, foram subestimadas de seu principal emprego, ou seja, estabelecer comunicação/ discurso. Assim expõe:

A língua, a palavra são quase tudo na vida humana. Contudo, não se deve pensar que essa realidade sumamente multifacetada que tudo abrange possa ser objeto de apenas uma ciência – a linguística – e ser interpretada apenas por métodos linguísticos. O objeto da linguística é apenas o material, apenas o meio de comunicação discursiva, mas não a própria comunicação discursiva, não o enunciado de verdade, nem as relações entre eles (dialógicas), nem as formas de comunicação, nem os gêneros do discurso. A linguística estuda apenas as relações entre os elementos no interior do sistema da língua, mas não as relações entre os enunciados e nem as relações dos enunciados com a realidade e com a pessoa falante (o autor). (BAKHTIN, 2011 [1952-1953], p. 324)

Ao estabelecer essa crítica acerca dos estudos feitos pela Linguística, o filósofo russo propõe a criação de uma metalinguística, com o objetivo de colocar em cena elementos não considerados por uma teoria que se centrava no interior de um sistema voltado para as relações lógicas. No trecho acima explicitado, são trazidos alguns conceitos de extrema importância para que possamos entender a concepção adotada pelo Círculo. Entre eles, figuram as noções de enunciado, comunicação discursiva, gêneros do discurso e relações entre enunciados. Antes de entrarmos na discussão de cada um desses conceitos, acreditamos ser necessário comentar sobre o “fenômeno social da comunicação verbal”, realidade da língua para os membros do Círculo. Desse modo, ao pensar em um “fenômeno social”, não se está negando a existência de uma estrutura, mas afirmando que a atenção deve estar direcionada para o processo interacional, isto é, pensar o modo como os sujeitos organizam seus dizeres, tendo em vista uma determinada situação comunicativa. Com efeito,

a concepção de linguagem e de discurso proposta pelo Círculo de Bakhtin é essencialmente ativa, e, portanto, centrada no agente: o ato verbal, o processo de intercâmbio linguístico, no qual são produzidos os enunciados, e não apenas os enunciados/ discursos entendidos redutivamente como produtos de um significado fixado de uma vez por todas, constitui o objeto de estudo e o centro de seu empreendimento (SOBRAL, 2009, p. 32).

Assim, para a teoria aqui exposta, não existe um sujeito autônomo ou uma língua como fenômeno isolado, visto ser na e pela interação verbal que língua e sujeitos se constituem. É interessante frisar que, quando falamos de língua, para o Círculo, não estamos nos referindo a uma relação sistemática, mas social. Dessa

forma, pensar o processo pelo qual os sujeitos interagem em uma determinada esfera de atividade torna-se mais interessante e produtivo do que centrarmos nosso olhar no produto isoladamente. Cabe ressaltar que, por muito tempo, o olhar de pesquisadores centrou-se no acabado, sem levar em consideração a elaboração dos enunciados. A partir dessa visão, e tomando como exemplo a construção de um *Website*, podemos verificar que o locutor pensa em um produto, ou seja, em um fim específico, mas para isso não desconsidera o processo. Para muito além de passar uma informação, ele reflete sobre a melhor maneira de transmiti-la, como será recebida e quem irá recebê-la. Por isso, tanto a linguagem quanto o sujeito, como nos mostra Di Fanti (2003), constituem-se de modo dinâmico, em uma instituição histórico-social. Portanto, considerar a historicidade do sujeito em sua relação com o(s) outro(s) e com o mundo é uma das principais implicações do pensamento bakhtiniano.

De tal sorte, devemos pensar o enunciado como *unidade real da comunicação discursiva* e não como forma da língua. Bakhtin (1988 [1973]) destaca que não tomamos a língua como um sistema de categorias abstratas, mas sim como uma concepção valorada do mundo. Quando interagimos com o outro, temos, pelo menos, duas posições axiológicas (a do eu e do outro). Com isso, o mundo recebe olhares, valores e disposições diferentes a depender da historicidade e da relação que acontece no ato de enunciação.

Ao trazer o processo de comunicação/interação para o centro de nossa atenção, é necessário ponderarmos, tal como aponta Bakhtin (2011 [1952-1953]), que “o emprego da língua se efetua na forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana” (2011 [1992], p. 261). Disso decorre, conforme concepção de Brait (2006), que o enunciado, para a Teoria Dialógica do Discurso⁹, deve ser concebido como uma unidade de comunicação, de significação, necessariamente contextualizado. O enunciado, aqui, não se confunde com frases, palavras ou oração. Esses elementos, que pertencem ao nível da língua, podem se tornar enunciados quando empregados por um sujeito em uma determinada situação de comunicação.

A sequência “Sorria, Jesus te aceita”, que encontramos na página com a qual trabalhamos, quando analisada fora de um contexto de enunciação, não pertence a

⁹ Termo utilizado pela vertente brasileira de estudos bakhtinianos para fazer referência ao empreendimento de teoria, análise e método adotado.

ninguém, não é direcionada para um interlocutor, não sendo, portanto, um enunciado, status que somente irá adquirir quando pensada em uma situação real de uso, no qual será enunciada em relação a um locutor sócio-situado, a um interlocutor específico e a dadas condições de produção ou circulação. Somente desse modo a sequência exposta passa a significar, adquirindo sentido.

Caso considerássemos a língua como um produto pronto e acabado, os enunciados não poderiam se reconfigurar a cada ato enunciativo e recobrir novos sentidos. Desse modo, é possível constatar que não apreendemos a língua por meio de suas formas, assim como estão em dicionários e gramáticas. Uma palavra como “inclusão”, por exemplo, apresenta uma determinada estabilidade e uma certa significação. No entanto, essa mesma palavra, quando utilizada em enunciações concretas, pode apresentar sentidos diferentes daqueles convencionalmente estabelecidos. A palavra, ao ser empregada por diferentes sujeitos, em diferentes esferas e situações de interlocução, terá um novo sentido toda vez que for utilizada. Nessa perspectiva, cada sujeito irá assumir em relação a ela uma certa posição, atribuindo-lhe, assim, uma valoração específica, que só é possível por meio da concepção de linguagem aqui exposta: a de considerar a comunicação discursiva como elemento de produção e circulação de sentidos.

Cavalcante Filho e Torga (2011), em consonância com a ideia de Bakhtin, salientam que a comunicação verbal constitui a realidade fundamental da língua. Diante disso, cabe-nos perguntar o que seria uma “comunicação discursiva” para tal concepção. Muitos manuais e livros didáticos, apresentam a comunicação como uma mensagem que é enviada de um emissor para um receptor, centrando a função ativa naquele, enquanto esse apenas recebe a mensagem. Todavia, não estamos tratando da comunicação nesse seu sentido mais restrito, uma vez que ela, para o Círculo, demonstra um caráter da ordem do discursivo. Assim, apresenta-se como um conceito muito mais amplo, sendo necessário ir além dessas concepções simplistas focadas no produto, conforme sugere Volóchinov (2017 [1929]). Desse modo, a comunicação não envolve somente o momento em que um enunciado é proferido, mas resgata toda uma historicidade anterior a um “aqui” e “agora” da enunciação. Ela não ocorre de forma unilateral, sendo “enviada” de um indivíduo para outro. Toda comunicação é bilateral.

Sob essa concepção, enunciamos para alguém e este se faz presente desde o princípio de construção do nosso enunciado. Imaginamos quem seja esse alguém, que papel social ocupa, a relação que mantemos, nosso objetivo de enunciar, a resposta que queremos suscitar e aquela que, conhecendo o nosso interlocutor, podemos esperar. Por exemplo, quando pensamos em endereços eletrônicos, ou mais especificamente em páginas institucionais, como é o caso deste trabalho, percebemos que o outro se faz tão presente quanto aquele que enuncia, porque “determina” o que ali vai ser mostrado.

Desse modo, vemos que o outro ocupa uma posição tão ativa quanto daquele que enuncia, atuando diretamente na construção discursiva. Ao pensar em nosso interlocutor, pensamos também em suas possíveis reações diante de um enunciado. Fiorin (2017) aponta que todo o enunciado suscita uma resposta que é sempre esperada por meio de uma compreensão responsiva ativa que é já considerada pelo locutor no momento em que prepara o seu projeto discursivo. Imaginando que um dado sujeito pretenda fazer com que pessoas comprem um produto específico, ele pensa em formas estratégicas de atingir seu público-alvo, isto é, pensa em quais são as necessidades e qual a utilidade de seu produto para a vida das pessoas e, em função disso, imagina as possíveis respostas, constrói seu dizer para uma resposta positiva que, nesse caso, é a efetivação da compra.

Dessa forma, “[...] a linguagem se concretiza a partir do modo como o sujeito avalia o outro: como esse outro se projeta no discurso, como se tem expectativa dele, como ele convoca atitudes responsivas” (DI FANTI, 2003, p. 107). Essas observações apresentam a ideia de Bakhtin (2011 [1952-53]) ao demonstrar que o interlocutor exerce uma posição responsiva ativa em que não somente absorve um enunciado, mas concorda ou discorda dele, completa-o e prepara-se para usá-lo, deixando de ser um mero ouvinte e se tornando um parceiro do ato de comunicação do qual ambos participam. Para o filósofo, “[...] toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 271). Em uma posição passiva em que uma mensagem fosse somente recebida não existiria lugar para a compreensão, para a troca e, conseqüentemente, para enunciados futuros.

O próprio falante, de acordo com o pensador russo, é também um respondente. Ele não é o primeiro a falar sobre um objeto, outras enunciações já o fizeram, mesmo que com objetivos e olhares distintos. Assim sendo, é estabelecida uma série de relações entre aquilo que é, foi e ainda será dito de forma que “[...] cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 272). Sob esse ponto de vista, destacamos que a própria proposta de inclusão de LGBTs não foi apresentada pela primeira vez por Igrejas de Teologia Inclusiva, pois outras enunciações a antecederam. Portanto, é através da relação com esses já ditos que essas novas instituições demarcam seu posicionamento, sua visão e seus valores. Ao dialogarem com as posições de outras instituições, demarcam a sua própria posição, diferenciam-se delas. O diálogo, assim, representa um princípio de constituição por meio da relação dialógica estabelecida entre uma instituição e as demais. Nas palavras de Bakhtin:

[...] a orientação dialógica é um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar com ele de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar (BAKHTIN, 1988 [1973], p. 88).

Esse “diálogo” não deve reduzir-se ao momento do ato enunciativo ou de uma conversa face a face. Para o Círculo, o dialogismo é muito mais amplo. Outrossim, em concordância com o filósofo russo (2011 [1952-53]), podemos dizer que a palavra existe em três níveis: como palavra neutra do sistema da língua, como palavra do outro e, por fim, como palavra nossa. É por meio da interação com a palavra do outro que nos posicionamos, assumimos uma opinião, reavaliamos um enunciado e atribuímos a ele uma nova significação. A partir disso, Di Fanti (2016) propõe uma leitura em que os signos existam ampliadamente como signos ideológicos e dialógicos a partir de uma inscrição subjetiva. Isso difere de outras teorias que encaram a língua sob um ponto de vista em que se considera o signo como uma unidade meramente linguística. Ao olharmos para o caráter ideológico de um signo, o inserimos em um

domínio muito mais amplo do que aquele considerado pela linguística estruturalista. Consideramos, sobretudo, a sua inserção em uma determinada esfera de uso, a posição daquele que o enuncia e a sua relação com os demais contrastes ideológicos.

Uma visão muito semelhante pode ser encontrada em Faraco (2006), ao abordar o encontro dos enunciados como o encontro de seus respectivos complexos de significação, cujos sentidos são sempre saturados de valores por índices sociais. Para o pesquisador, o pensamento de Bakhtin é radicalmente histórico e o agir humano está vinculado a um universo valorativo. Dessa forma, acreditamos que, diante de tudo que foi apresentado até o momento, possamos, em acordo com os autores que trouxemos, considerar a ideia exposta pelo Círculo de que o enunciado constitui a real unidade da comunicação discursiva, tecendo diálogos com o contexto mais amplo da interação verbal. Dito isso, passamos a apresentar as particularidades presentes em um enunciado.

A primeira peculiaridade refere-se à possibilidade de alternância dos sujeitos do discurso. Isso diz respeito ao fato de aquele que ouve ou lê também poder colocar-se como aquele que fala ou escreve. Essa alternância fica mais perceptível em um diálogo face a face em que os interlocutores dividem nitidamente essas funções entre si. No entanto, ela se faz presente em todas as modalidades de comunicação, sejam em ocorrências orais, sejam em ocorrências escritas. É a possibilidade de alternância dos sujeitos discursivos que oferece à linguagem o seu caráter interativo. O mesmo não acontece com as formas da língua, que não possibilitam a troca de posições entre os interlocutores. Já a segunda peculiaridade está ligada à conclusibilidade do enunciado, Bakhtin afirma que

[...] a conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente quando o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições (2011 [1952-53], p. 280).

Diante disso, é possível perceber que a segunda peculiaridade está intrinsecamente relacionada com a possibilidade de alternância dos sujeitos, visto ser necessária alguma conclusibilidade para que os sujeitos envolvidos em um ato de comunicação concreta se alternem. Bakhtin (2011 [1952-53]) salienta que o acabamento é determinado por três fatores: a) a exauribilidade do objeto e do sentido; b) o intuito discursivo do locutor e c) as formas típicas composicionais e de

acabamento. A exauribilidade consiste no acabamento por parte do locutor em relação ao que ele pretende dizer sobre um determinado objeto. Com isso, o seu parceiro de interlocução, ao conhecer o objeto, procura prever a exauribilidade do enunciado. O segundo fator refere-se à vontade de dizer do locutor. A partir das primeiras palavras enunciadas, o interlocutor imagina qual seja o intuito discursivo daquele que enuncia, podendo assim medir o momento em que o locutor já tenha expressado sua vontade discursiva. O terceiro e último fator implica no fato de o interlocutor conhecer as formas típicas dos enunciados, o que possibilita pistas para pressupor o seu acabamento.

Por fim, a terceira peculiaridade está ligada à relação do enunciado com aquele que enuncia e para quem é dirigido, demonstrando que todo o enunciado dialoga com enunciados antecedentes e outros que ainda virão, estabelecendo relações das mais diversas. Sob esse viés, nosso dizer relaciona-se com nossa historicidade e com aquilo que imaginamos como constituição do outro. A noção de interação, muito presente nas ideias do Círculo, pode ser vista como um elemento pelo qual os sujeitos, a língua e a linguagem se constituem. Para isso, é necessário que a consideremos em um aspecto muito mais amplo daquele convencionado por vertentes que consideram a língua como estrutura autossuficiente. Ela ultrapassa o nível de uma conversação face a face e se estende por todo o processo da constituição sócio-histórica dos sujeitos.

Sobral e Giacomelli (2016) salientam que a interação não é somente aquilo que acontece no aqui e agora. Ela permeia toda a relação entre os interlocutores, mesmo que estes sejam de épocas e lugares distintos. Assim, os autores explanam sobre o nível de contexto social imediato e o nível do contexto social mediato. O primeiro conceito refere-se a uma situação enunciativa em que é possível conhecer os lugares sociais e as relações estabelecidas entre os interlocutores enquanto que o segundo abrange um domínio mais amplo da interação em que são consideradas as esferas de atividade e todas as exigências do contexto extraverbal. Dessa forma, Volóchinov (2017 [1929]), ao considerar que a comunicação discursiva ocorre por meio de enunciados, a aponta como realidade fundamental da língua. Isso porque é através da interação que nos constituímos, procuramos constituir o outro e somos por ele constituídos.

Na interação verbal, negociamos sentidos que se renovam a cada ato enunciativo. Enquanto as unidades/formas da língua apresentam uma significação em

um nível mais estável e/ou dicionarizado, os enunciados apresentam sentidos que são construídos durante o processo de interação e, por isso, característicos de cada situação enunciativa/discursiva. É dessa forma que uma palavra que comumente apresenta um significado já normatizado, ao ser enunciada em uma situação real de comunicação, pode apresentar outro sentido, isto é, pode assumir um novo significado dentre os muitos possíveis. Volóchinov (2017 [1929], p. 232) expõe:

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou.

Quanto a isso, Cereja (2016) destaca a importância de pensarmos os sentidos do signo não apenas no domínio da língua, mas também no domínio do discurso e, portanto, da vida. Para tanto, torna-se necessário refletirmos sobre as questões de significação e de sentido no campo da interação e das relações dialógicas de negociação e instauração de sentidos. Isso porque é somente na e pela interação que a língua se transforma em discurso. Diante disso, é importante considerarmos o diálogo em um sentido mais abrangente, no qual

[...] dois enunciados alheios confrontados, que não se conhecem e toquem levemente o mesmo tema (ideia), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si. Eles se tocam no território do tema comum, do pensamento comum. (BAKHTIN, 2015, p. 320)

Para Sobral (2009), o conceito de dialogismo está indissoluvelmente vinculado com o de interação, de modo que, segundo o autor, não há interação sem diálogo. Isso quer dizer que toda a interação irá estabelecer e evocar uma série de relações dialógicas entre os praticantes no seu contexto de produção, circulação e recepção de discursos. Desse modo, para o autor, o dialogismo procura dar conta não apenas do elemento constitutivo dos discursos como também da própria linguagem e do agir humano. Com isso, diante do exposto, salientamos a importância da cena enunciativa como um todo, dos diálogos estabelecidos e suscitados e do olhar para a linguagem enquanto fenômeno social e, portanto, ideológico.

3.2 - Projeto enunciativo, gêneros do discurso e esferas de atividade humana

Na seção anterior, vimos que as noções de dialogismo e interação constituem a base da concepção de língua e linguagem para o Círculo de Bakhtin. Nesta seção, entraremos mais detalhadamente no processo de *comunicação discursiva*, abordando-o desde a vontade de dizer de um locutor até a realização desta em um determinado espaço sócio-histórico-ideológico.

Para iniciar nossa exposição, devemos levar em conta que os seres humanos estão inseridos diariamente e a todo o momento em situações reais de interação, em seu nível mais imediato de entendimento. Essas interações acontecem nas mais diversas esferas de atividade humana, a exemplo do trabalho, dos órgãos públicos, da escola, da religião, do ambiente familiar, do convívio com os amigos, das redes virtuais etc. Em cada um desses ambientes, interagimos de forma diferente, visto que as circunstâncias de produção, circulação e recepção de nossos discursos são também diversas. Assim, nosso dizer difere de uma interação em uma reunião familiar, por exemplo, daquela que estabelecemos em uma reunião religiosa. Embora em ambas as situações estejamos diante do gênero reunião, as condições de produção, a esfera e os discursos que são mobilizados no interior de cada situação enunciativa diferem de uma para outra circunstância. Desse modo, em uma reunião de família podemos contar uma piada ou algo que tenhamos vivenciado que não poderá ser contado em um ambiente religioso no qual, normalmente, é exigido certo tipo de comportamento e respeito em relação ao espaço que os sujeitos ocupam.

Grillo (2016) destaca que a noção de esfera de comunicação discursiva se faz presente em toda a obra do Círculo, sendo, portanto, um dos conceitos-chave para a compreensão das questões linguísticas em um contexto social mais amplo. Para Faraco (2016), é graças à inserção em uma dada esfera de atividade humana que nossos enunciados são ideológicos, visto que se darão no interior de uma das áreas (esferas) de atividade humana que, por sua vez, são também ideológicas. Uma mesma enunciação, quando proferida em outra esfera de produção e circulação, terá uma nova valoração, um novo posicionamento ideológico.

Em cada um desses ambientes, o nosso dizer ou, em outras palavras, a nossa enunciação acontece por meio de uma vontade de dizer do enunciador. Isto é, inserido

em um determinado espaço, aquele que fala sente a necessidade de elaborar um enunciado que, por sua vez, é direcionado a seu parceiro de interlocução. É através dessa vontade discursiva que se inicia a elaboração do projeto de dizer de um locutor ou, ainda, de seu projeto enunciativo. A vontade de dizer está diretamente ligada à escolha de um gênero em que um projeto discursivo/enunciativo será realizado. Nesse âmbito, o projeto de dizer nada mais é do que a intenção/vontade de um “eu” dizer alguma coisa para um “outro”, sempre esperando deste uma resposta, já presumida. Em suma, pode ser entendido como aquilo que queremos dizer de acordo com determinados objetivos e situações em determinada esfera e direcionado para um interlocutor em específico. A esfera de atividade humana está também inteiramente ligada ao projeto de dizer de um sujeito, visto que para cada esfera existirão *formas relativamente estáveis* de enunciar.

Sobral e Giacomelli (2016) destacam que o projeto enunciativo do autor apresenta um caráter individual, mas não subjetivo. Isso ocorre devido ao direcionamento do enunciado para um determinado locutor. Assim, formulamos nosso dizer tendo em vista não somente aquilo que pretendemos comunicar, mas também considerando o nosso parceiro de interlocução no processo de elaboração, tendo assim nossa subjetividade influenciada pelo outro. Para Bakhtin,

[...] o querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado (BAKHTIN, 2011 [1952-1953], p. 301).

Um mesmo campo de atividade pode apresentar uma diversidade enorme de gêneros discursivos, de acordo com a necessidade comunicativa daqueles que nele interagem. É levando em consideração a existência de diversos campos de atividade que podemos perceber a grande diversidade de enunciados presentes em nossas interações. Um exemplo disso é um culto religioso, a partir do qual são realizados sermões, salmos, orações, testemunhos, cantos etc. Esses gêneros pertencem a uma mesma esfera de atividade, no entanto, são diversificados de acordo com o propósito a que servem, com o projeto de dizer daquele que os enuncia. Em cada momento da

interação discursiva um se mostrará mais adequado do que os outros. Para Faraco (2016, p. 84), “[...] é nessa atmosfera heterogênea que o sujeito, mergulhado nas múltiplas relações e dimensões da interação socioideológica, vai se constituindo discursivamente”.

Posição semelhante é encontrada em Cavalcante Filho e Torga (2011), ao abordarem o sujeito bakhtiniano em sua constituição através da relação com outros indivíduos atravessada por diferentes usos da linguagem, de acordo com as esferas sociais em que os sujeitos se inscrevem. Assim, da mesma forma que são incontáveis os campos de atividades que interagimos com o outro, assim são também os gêneros do discurso. Não é possível delimitar um número de gêneros existentes na sociedade, nem seria esse o foco. O mais importante é entender, como aponta Bakhtin (2011, p. 261), que “[...] todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. É com vistas nesse pensamento que Fiorin (2017) salienta que o ponto de partida de Bakhtin é o vínculo intrínseco existente entre a utilização da língua e as atividades humanas.

Ao se dirigir ao(s) seu(s) interlocutor(es), o locutor leva sempre em consideração qual o seu objetivo de enunciar, quem é(são) seu(s) interlocutor(es), que papéis sociais ocupa(m) e o que espera daquele(s) para quem emite seu dizer. É em virtude desses e de outros fatores que os enunciados se adaptam a um determinado gênero do discurso. Pereira e Rodrigues (2010) mostram que, ao mesmo tempo em que os enunciados são únicos e irrepetíveis, são também dialógicos. Dessa forma, ao dialogarem com outros enunciados, geram, historicamente, modos sociais de dizer e agir.

Bakhtin (2011[1952-53]) apresenta os gêneros do discurso como “enunciados relativamente estáveis”. No que tange a essa questão, que traz certa estabilidade e instabilidade das formas típicas de dizer, podemos mencionar Sobral, que nos diz:

Quando se fala em gênero discursivo do ponto de vista do Círculo, fala-se de algo que é ao mesmo tempo estável e mutável. O gênero discursivo é estável porque conserva traços que o identificam como tal e é mutável porque está em constante transformação, se altera a cada vez que é empregado, havendo mesmo casos em que um gênero se transforma em outro. Como o gênero é entendido com essas características, o Círculo o define, por exemplo, como “formas relativamente estáveis e normativas de enunciados”. Observe-se nessa definição que o “relativamente” marca a mutabilidade em meio

à estabilidade indicada por “formas”, “estáveis” e “normativos” (SOBRAL, 2009, p. 115, grifos do autor).

Por isso, temos, por um lado, gêneros que apresentam um caráter mais normativo, mais rígido, a exemplo daqueles da esfera pública, como os requerimentos, formulários de imposto de renda e certidões e, por outro, aqueles que se inserem em esferas que nos permitem certa maleabilidade, principalmente quando nos referimos aos gêneros do cotidiano e às interações com sujeitos que mantemos uma maior proximidade, como é o caso das conversas informais e das postagens que realizamos em nossas redes sociais. Diante disso, não devemos nem podemos olhar para os gêneros discursivos como algo fixo, assim como não podemos reduzir a língua a formas ou estruturas rígidas. Eles serão sempre mutáveis e adaptáveis aos interesses do locutor. Ou seja, uma série de elementos pode modificar a forma como um gênero se apresenta. Podemos mencionar aqui a esfera de atividade, o próprio projeto enunciativo e a consideração de um destinatário.

Devemos também nos lembrar da unidade temática, da construção composicional e do estilo, considerados componentes dos gêneros do discurso. Bakhtin (2011 [1952-53]. p. 262) argumenta que “[...] o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação”. Por isso, passamos a apresentar cada um deles. Pereira e Rodrigues (2010) destacam que as esferas sociais não apenas saturam e significam os enunciados como também os condicionam de determinadas condições de produção que se materializam nesses elementos.

Unidade temática, construção composicional e estilo devem ser pensados a partir de todo um contexto de produção, circulação e recepção dos enunciados, envolvendo os parceiros da enunciação e o modo pelo qual o projeto enunciativo se realiza. Em decorrência disso, nenhum desses componentes deve ser visto com rigidez ou como algo a ser seguido fielmente pelo sujeito discursivo. É o contexto, em seu sentido mais amplo, que irá determinar e direcionar cada um deles.

Por unidade temática podemos entender a realização de um dado desenvolvimento temático por meio de um gênero do discurso. Isto é, ao enunciarmos, falamos, nos referimos, refutamos, comentamos sobre algo e esse será o tema de nosso enunciado. Assim, em uma página institucional, como é o caso do corpus deste

estudo, a unidade temática pode ser, por exemplo, a apresentação de uma empresa/instituição a um público em específico. Essa apresentação pode ocorrer através de tópicos discursivos, ou seja, em um espaço pode ser apresentada a história da empresa, em outro a sua localização e assim por diante. Todos esses tópicos irão convergir para uma determinada unidade, para aquilo que queremos dizer, no caso exemplificado, para a apresentação da empresa, tema de nossa construção enunciativa.

Ainda considerando como exemplo uma página institucional, passamos agora a observar como se constitui aquilo que o Círculo denomina por forma composicional. O componente em questão, bem como sugere a nomenclatura, representa a forma como iremos compor o nosso enunciado, ou seja, como iremos organizar, estruturar e apresentar aquilo que pretendemos dizer. É claro que, para isso, recorreremos às enunciações anteriores as nossas. Entretanto, devemos levar em consideração que a forma composicional de um determinado gênero pode sofrer algumas modificações e novas incorporações de acordo com as suas condições de produção. Assim, em se tratando de uma página institucional, a forma composicional pode ser entendida a partir do modo pelo qual as informações da página são mostradas, ou seja, conforme sua disposição. Assim, percebemos que, geralmente, em um endereço eletrônico encontramos elementos como *slogan*, apresentação, localização, contato, entre outros.

O estilo, por sua vez, representa os meios linguísticos, gramaticais, fraseológicos e fonológicos que utilizamos em um gênero discursivo, podendo ser visto como a manifestação da individualidade do sujeito. É importante ressaltar que, em gêneros mais maleáveis, o sujeito pode imprimir sua identidade com maior fluidez do que em gêneros normatizados. Portanto, quando pensamos em um *website*, em decorrência da instituição que ele divulga e/ou representa, caberão certos estilos que não serão permitidos em outros textos pertencentes ao mesmo gênero.

Em um endereço que tenha como objetivo apresentar uma empresa do segmento alimentício será utilizado um estilo diferente daquele de uma página que objetiva, por exemplo, a preservação dos recursos naturais de um país. Dessa forma, conforme Brait (2016, p. 83) salienta, “[...] o estilo, longe de esgotar a autenticidade de um indivíduo, inscreve-se na língua e nos seus usos historicamente situados”. A

autora expõe ainda que, para cada esfera e parceiro de interlocução, corresponderão determinados estilos. Desse modo,

perguntas como “A quem se dirige o enunciado?”, “Como o locutor percebe e imagina seu destinatário?”, “Qual é a força da influência do destinatário sobre o enunciado?”, ajudam, da perspectiva bakhtiniana, a compreender a composição e o estilo dos enunciados, apontando, tanto quanto os traços de autoria, para o que há de extraverbal na constituição do verbal (BRAIT; MELLO, 2016, p. 72, grifos das autoras).

Assim, a definição de um projeto enunciativo de um interlocutor, de suas possíveis respostas e entendimentos, de uma esfera de produção, circulação e recepção de enunciados está diretamente ligada à escolha de uma determinada forma de composição, de um estilo e de um gênero do discurso para a realização de uma unidade temática. Diante do exposto, destacamos a importância de considerar a relação existente entre a utilização da língua e a historicidade dos sujeitos. Ao falarmos em “utilização da língua” não nos referimos exclusivamente ao uso de suas formas, mas às situações concretas nas quais essas formas são empregadas e passam a integrar nossas enunciações através dos gêneros discursivos. Por fim, reiteramos que toda a nossa comunicação se insere em um determinado gênero, em uma esfera e se direciona a parceiros ativos do ato de dizer, que determinam os caminhos para a realização de uma dada enunciação.

Na próxima seção, trazemos os principais princípios metodológicos mobilizados neste trabalho.

3.3 - Contribuições Metodológicas

Como vimos, para Bakhtin, a unidade de análise é o enunciado concreto. Ao olharmos para o enunciado dessa forma, devemos

[...] considerar as vozes, os posicionamentos, a valoração, o direcionamento, a expressividade e as coerções do gênero concernente a um projeto de dizer, a um propósito discursivo e, mais ainda, recuperar a historicidade que é constitutiva de toda atividade de

linguagem nas diferentes esferas da atuação humana (ALVES, 2016, p.176).

Assim sendo, levamos também em consideração seu caráter social e o todo o processo de produção e circulação de discursos. Como na análise de todo e qualquer enunciado, iremos aqui pensar em interlocutores situados em um dado ambiente de interação social, consideração fundamental no que se refere à teoria adotada. Volóchinov (2017 [1929]) alerta que, para estudar o fenômeno da língua, é necessário colocar falante e ouvinte no ambiente social de suas enunciações.

Por acreditar que nossos atos comunicativos ocorrem em situações reais de comunicação, envolvendo sujeitos que não interagem a partir de formas da língua, mas por meio de enunciados concretos e únicos, Volóchinov traz algumas ponderações a respeito de uma análise enunciativa, conforme podemos conferir abaixo:

[...] a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 220).

Diante disso, a língua deve ser pensada e analisada dentro de um contexto verbal e extraverbal, para que assim possamos olhar os enunciados e sujeitos concretos. Em uma de suas considerações metodológicas, Bakhtin afirma:

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos de atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto - seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua opera inevitavelmente com enunciados concretos (orais e escritos) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação- anais, tratados, textos de leis, documentos de escritório e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicísticos, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano (em todas suas diversas modalidades), etc. de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam (BAKHTIN, 2011 [1952-53], p. 264).

É importante frisar que o Círculo não traz uma metodologia de análise pronta e acabada, cabendo a cada pesquisador elaborar seus próprios critérios de análise de acordo com o seu objeto de pesquisa. Brait (2016) salienta que é uma das características da Análise Dialógica do Discurso não aplicar conceitos com a finalidade de compreensão de um discurso, mas deixar que estes revelem suas próprias formas de produzir sentido a partir de um ponto de vista dialógico. Para Faraco (2007), Bakhtin oferece um modelo filosófico para pensar sobre as questões da comunicação humana, mas é responsabilidade de cada pesquisador, a partir dessas coordenadas filosóficas, elaborar o seu modelo científico de estudo.

Desse modo, acreditamos ser pertinente para a análise proposta o direcionamento dado por Sobral (2009). O autor, em diálogo com Beth Brait, sugere um caminho metodológico que passa pelos estágios de descrição, análise e interpretação do objeto em estudo. Segundo o autor, a descrição sugere um olhar para a materialidade do gênero, retratando a forma como ele se apresenta ao interlocutor. Com efeito, em nosso trabalho, pretendemos mostrar, primeiramente, como a página institucional da Igreja Cristã Contemporânea se mostra ao visitante, verificando de que modo os enunciados se dispõem.

Em uma segunda etapa, de acordo com Sobral e Giacomelli (2016), devem ser observadas as relações entre o plano da língua e o da enunciação. Assim, consideraremos o modo pelo qual as unidades da língua são mobilizadas e como produzem sentido no gênero em que estão inseridas, averiguando suas relações com a unidade temática do projeto enunciativo. Por fim, na terceira etapa, será realizada a interpretação do *corpus* e, para isso, serão retomadas as observações resultantes das duas etapas anteriores. Nessa parte, refletiremos sobre os possíveis efeitos de sentidos advindos da inserção do texto em uma dada situação de interlocução e, portanto, os discursos suscitados.

No capítulo a seguir, trazemos o percurso de análise adotado, explanando cada passo de sua realização.

4- VINDE A MIM, VIADO”: UMA ANÁLISE DA PÁGINA INSTITUCIONAL DA IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA

Iniciamos aqui a exposição do nosso *corpus* e de sua análise. Considerando que nosso olhar está voltado para uma página institucional que tem por objetivo realizar a apresentação de uma Igreja Inclusiva e procurar inserir novos fiéis na entidade, novamente trouxemos uma releitura de uma citação bíblica, dialogando com a passagem de Mateus (11:28).¹⁰ Assim como na Bíblia é feito um convite de alívio para todos aqueles que estão cansados e oprimidos, acreditamos que algo muito semelhante seja realizado por meio do endereço eletrônico da ICC. O convite em questão refere-se a todos os cansados pela não aceitação e opressão nos espaços religiosos cristãos conservadores. Dessa forma, a palavra “viado”, utilizada no título deste capítulo recebe aqui uma nova valoração. Costumeiramente, ela é empregada em um viés pejorativo para ofender e atacar LGBTs, especialmente homossexuais masculinos. Ao contrário dessas utilizações, a trazemos como uma forma de aceitação e como uma marca de posição identitária desses sujeitos. Antes de apresentarmos a análise, julgamos ser interessante mostrar o caminho percorrido até a chegada dos resultados que aqui serão expostos.

Primeiramente, foi realizado um acesso à página institucional em questão com o objetivo de buscar e selecionar informações. Logo em seguida, foi feita a compilação da página inicial para que fosse possível ter uma melhor visualização no momento de análise. Na sequência, olhamos para os elementos disponibilizados em nosso objeto, abrindo todos os *links* e pensando-os em relação aos objetivos e ao referencial teórico propostos neste trabalho. Cremos ser interessante apresentarmos uma análise da página inicial da instituição, para que, na sequência, possamos analisar os *links* disponibilizados. O olhar para esse ambiente inicial se justifica quando consideramos ser essa a primeira visualização do visitante ao acessar o endereço. Para isso, trazemos abaixo uma compilação dessas informações:

¹⁰ A passagem bíblica profere: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”.



Figura 5: Página inicial da ICC. Fonte: Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <http://igrejacontemporanea.com.br/>. Acesso em: 01. Set. 2018.

Destacamos que nosso acesso à página para fins analíticos ocorreu entre os meses de setembro e novembro de 2018. Desse modo, algumas informações que eram exibidas no mês em que iniciamos a análise deixaram de ser expostas quando retornamos para finalizá-la e outras, não mostradas no momento inicial, foram inseridas. Isso comprova o dinamismo do espaço virtual, que se adapta constantemente em virtude daquilo que pretende dizer e das novas formas que se colocam. Essas mudanças ocorridas foram consideradas e, em momento oportuno, serão mencionadas.

Anteriormente à descrição, análise e interpretação do *corpus*, devemos levar em consideração o objeto a ser trabalhado: página institucional. Tais páginas geralmente cumprem o papel de apresentar as ideias, ações e visões de uma dada

instituição por meio de um endereço da *web*. Por apresentar esse caráter informativo, certas características tornam-se comuns, a exemplo da logomarca da instituição/produto/marca, seu *slogan*, sua localização e o *link* para um possível contato entre a página e o(s) interlocutor(es). Iniciamos, agora, a descrição da imagem trazida acima.

O endereço analisado, assim como outros, traz em sua abertura a logomarca da Igreja Cristã Contemporânea, em destaque e alinhada à esquerda daquele que lê, seguida do *slogan* institucional: “Levando o amor de Deus a todos, sem preconceitos”. Pode-se perceber que a fonte utilizada para inserir o nome da entidade – “Igreja Cristã Contemporânea” – é maior do que aquela apresentada no *slogan*. Ainda, no mesmo segmento dos itens acima mencionados, temos, no canto à direita, alguns *links* como: “vídeo”, “rádio”, “fotos” e “Facebook”. Esses atalhos são expostos dentro de pequenas figuras de formato arredondado com fundo branco.

Logo abaixo, são exibidos outros *links*, como: “Quem somos”, “Localização”, “Homossexualidade”, “Loja virtual”, “Artigos”, “Doação” e “Contatos”, todos apresentados também em uma fonte de cor branca e centralizados. Após isso, há a exibição de uma sequência de três imagens. Na primeira, é trazido o espaço de uma das sedes da instituição. Essa imagem está localizada à esquerda do leitor e, em primeiro plano, é mostrada uma mão levantada, seguindo, em segundo plano, de um reverendo em momento de pregação. Na parte central dessa sequência, que ocupa também o centro da página, é colocado um quadrado amarelo em que aparece o seguinte enunciado: “Sorria! Jesus te aceita.”, em destaque e em negrito. Já à direita do visitante, é exposto o ambiente em que se encontram os fiéis da congregação, representados por dois rapazes abraçados. Um deles utiliza uma camiseta de cor azul com o nome da entidade religiosa, seguido do dizer “Sem preconceitos” e do *site* institucional.

Há uma parte do *corpus*, sob o título de “Artigos em destaque” em que são exibidos alguns textos da congregação. Tal exibição acontece através de quadrados em que são inseridos artigos como “Adquira. A Bíblia sem preconceitos”, “Grupo de apoio à adoção em Madureira: Toda última sexta-feira de cada mês”, “Livro: amor entre iguais em 10 lições”, “Cultos Bahia: Agenda”, “Cultos Rio Grande do Sul: Agenda”, “Cultos Petrópolis: Agenda”, “Domingo da dupla honra” e “Aniversário da ICC Lapa”. Todos esses *links* são acompanhados de imagens ilustrativas.

Para finalizar a nossa descrição do espaço inicial, destacamos que, na parte inferior da página, é colocada uma imagem exibindo várias pessoas sorridentes e com os braços levantados, vestindo uma camiseta amarela que traz a mensagem “Sorria! Jesus te aceita.”.



Figura 6: Página inicial (continuação) Fonte: Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <http://igrejacontemporanea.com.br/>. Acesso em: 01. Set. 2018.

Passamos, agora, a analisar como os elementos acima descritos se organizam e criam sentidos que apontam para um projeto de dizer. Como já mencionamos, a página institucional de uma igreja pressupõe como objetivo a divulgação de informações acerca da instituição. Além disso, é preciso considerar que estamos tratando de uma Igreja Inclusiva; por isso, além de vermos a página como um meio de divulgação, devemos também pensá-la como um meio de “diferenciação”, já que a instituição propõe e apresenta suas formas de atuação.

Percebemos que todo o fundo do endereço da *web* encontra-se na cor azul, conhecida por representar a fé, a confiança, a sabedoria e a estabilidade, embora os sentidos advindos pela sua utilização possam variar a depender do contexto e da tonalidade utilizada. No canal em análise, constatamos que, através da utilização predominante da cor, é estabelecida uma primeira tentativa de identificação entre o interlocutor e a página.

Foi possível verificarmos que o espaço virtual da Igreja Cristã Contemporânea está endereçado a dois possíveis grupos de interesse, ou seja, interlocutores típicos da página: são exibidas informações para aqueles que já participam da congregação – já fiéis, portanto; e também há a preocupação em apresentar a instituição para um grupo ainda não inserido no ambiente religioso em questão – aqueles que procuram não somente (mas ainda) uma igreja; isto é, ela deve incluir todos que procuram um

lugar para professar a sua fé, uma vez que não encontram espaço nas congregações tradicionais.

Vemos, assim, que a página procura atender às expectativas de seus possíveis interlocutores, apresentando o que eles esperam encontrar e “antecipando”, responsivamente, aquilo que o público que acessa o endereço gostaria de saber, seja para obter informações, seja para procurar conhecer a entidade e nela encontrar lugar para a manifestação de sua fé. É preciso, portanto, que a endereçabilidade dos enunciados considere que eles devem referenciar coisas distintas, ainda que tendo como referenciabilidade geral a ICC.

Essa observação pode ser constatada através dos *links* disponibilizados. Para aqueles já atuantes, temos informações como a aba “Doações”, visto que tal ação pode ser mais facilmente realizada por meio de pessoas já inseridas na entidade. Uma outra informação que pode ser associada a esse público é a agenda de cultos, sendo, no entanto, esse item também de interesse daqueles ainda não membros. Para esse segundo grupo, existem outros elementos que possibilitam perceber uma preocupação em divulgar a instituição, assim como mostraremos ao longo de nossa análise.

Ao ser apresentada a logomarca da congregação, cujo *slogan* é o enunciado “Levando o amor de Deus a todos, sem preconceitos”, podemos perceber muito mais do que a simples exibição de uma marca. O que temos aqui é a apresentação da existência de uma entidade, a “Igreja Cristã Contemporânea”, seguida de um *slogan* sobre o qual podemos estabelecer uma série de possíveis inferências. Com os enunciados “Levando o amor de Deus a todos” e “sem preconceitos”, para além da apresentação de uma visão, é estabelecida uma relação dialógica de oposição dessa igreja em relação a outras, centrada na manutenção do propósito de toda congregação religiosa “Levar o amor de Deus” com o acréscimo de termos como “todos” e “sem preconceito”. É por meio dessa oposição que se confere um diferencial entre o aqui, “Igreja Contemporânea”, e o lá, “igrejas tradicionais”. Em linhas gerais, o que se pretende dizer é: “aqui você é aceito, sem preconceitos”, ou seja, independentemente de sua identidade sexual e/ou de gênero.

Para o leitor motivado pela possibilidade ou curiosidade dessa aceitação, são expostos *links* que levam a outros canais, como, por exemplo, rádio, Facebook e Youtube. Isso possibilita que o interlocutor tenha acesso a novas informações e

suportes, aumentando sua relação e interação com a denominação religiosa. Devemos mencionar que, para uma entidade que pretende apresentar-se para um novo público, elementos como esses são de extrema importância, afinal é exatamente na internet que o interessado busca informações. Nesse sentido, indicar uma rede social ou um canal de vídeo – e até mesmo um de rádio, considerando o tempo que as pessoas ficam no carro em grandes cidades – demonstra que a página está considerando a responsividade de seu público na escolha do que apresenta. Assim, ela antecipa o que seu interlocutor espera encontrar e como vai avaliar uma ferramenta de informação que indica formas de interação em canais amplamente usados atualmente.

Como já afirmamos, é possível constatar que grande parte do projeto de dizer está voltado para a busca de um novo fiel que vai até o *site* na busca por informações. Esse objetivo de visita, que tomamos aqui como o norteador da página, é o que a leva, na elaboração de seu projeto enunciativo, a inserir itens como “Quem somos”, “Localização”, “Homossexualidade” e “Contato”. Ora, para aqueles que buscam um endereço eletrônico com uma finalidade informativa, enunciados cujos dados sobre o que representa/pensa uma determinada marca/instituição parecem ser primordiais. Por isso, são importantes as informações sobre a descrição, a localização e a forma de contatá-la. Ou seja, não é apenas uma página que informa que “existe”, mas que sua “existência” precisa ser demarcada – não haveria necessidade, por exemplo, de uma igreja tradicional colocar esse item, uma vez que todos sabem o que é uma Igreja Católica ou uma Evangélica, por exemplo. Vemos, então, que essa descrição é uma parte essencial de um projeto que se pretende diferenciado ainda que com os mesmos objetivos de qualquer igreja – conquistar fieis. Daí os outros: localização e contato.

Há algo, no entanto, que nos desperta especial atenção, já que estamos aqui falando de uma igreja inclusiva, isto é, que, teoricamente, buscaria incluir a todos: o fato de essa mesma entidade inserir o *link* “Homossexualidade”. Desse modo, mesmo que seu projeto seja dirigido ao público LGBT, como imaginamos que seja, esse enunciado não abrange nem representa todos os sujeitos que se imaginaria em se tratando de sexualidades/gêneros considerados marginais na fé tradicional. A valoração do enunciado “Levar o amor de Deus a todos” indica que esse “todos” é restritivo, já pensado em termos de uma tradição, considerando a forma menos marcada de “homossexual” em relação a lésbica, gay, bissexual, travesti, transgênero,

entre outras tantas denominações, estas mais explícitas e, portanto, mais marcadas em relação ao sexo/gênero.

Em relação às imagens, aquela que traz o espaço dos cultos, juntamente com o reverendo e parte dos fiéis, chama bastante atenção, principalmente por conta dos enunciados que nela aparecem.



Figura 7: Cultos. Fonte: Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <http://igrejacontemporanea.com.br/>. Acesso em: 01. Set. 2018.

Como podemos visualizar, é exposta de forma centralizada a mensagem “Sorria! Jesus te aceita.”. Se consideramos que todo enunciado – e, por extensão, – todo o discurso tem um tema em torno do qual organiza seu dizer, e tomando como tema da congregação a aceitação em um espaço religioso de todos os excluídos pelas igrejas tradicionais, pode-se perceber aqui um tópico discursivo cujo enunciado, “Jesus te aceita”, significa, também, por extensão “A Igreja Contemporânea te aceita”. Assim, embora o tema da página não seja o mesmo, pois diz respeito à divulgação de uma igreja que aceita os excluídos, neste momento, o tópico destacado faz parte de ambos os temas, uma vez que esse enunciado tanto descreve o lema da entidade quanto a divulga.

É importante destacar que esse enunciado se relaciona a “Sorria, Jesus te ama”, frequentemente utilizado por outras nomeações religiosas. A relação dialógica estabelecida, na retomada do discurso outro, é de identificação do discurso religioso, com destaque para a aceitação, uma vez que a expressividade do enunciado muda na troca de “ama” por “aceita”. Ou seja, se mantém o princípio da fé, basilar em uma igreja, na figura da entidade que é o agente e do fiel que é quem recebe a ação. No caso, se Jesus o aceita, é porque o ama. E aquele que estava excluído (e, portanto,

não amado) pode encontrar seu lugar num templo, numa congregação, que é para onde a página objetiva levá-lo.

Entendendo que as pessoas que procuram essa instituição são sujeitos que buscam inclusão por parte de uma religião, informações como “Jesus te aceita” e “Igreja Contemporânea: sem preconceitos”, esta última estampada na camiseta do rapaz que aparece na foto, provavelmente abraçado a outro homem (a imagem não é ampla o suficiente, talvez propositalmente) são enunciados dirigidos a um certo público. Novamente, a endereçabilidade é importante para a manutenção da organização do dizer. Vemos isso, também, na primeira imagem, em que se destaca, em primeiro plano, uma mão levantada, sendo que os demais componentes estão desfocados. Isso nos remete à questão da aceitação, da escolha. O foco está no fiel que escolheu a igreja, não na congregação ou no pastor. Todo o projeto de dizer dessa parte tem como centro aquele que não aparece, porque é o que está atrás da tela – é em busca dele que a página se organiza.

Com isso, a ideia de um projeto discursivo em torno de um possível fiel fica ainda mais evidente quando observamos o espaço “Artigos em destaque”. Temos atalhos como “Bíblia sem preconceitos”, associado a uma imagem que traz um CD e o livro sagrado junto com as cores do arco-íris, que costumam ser utilizadas para representar LGBTs. Da mesma forma, na divulgação da obra “Amor entre iguais em 10 lições”, a capa é estampada por um casal homoafetivo.

No final da página, na imagem que traz pessoas sorrindo e estampando a camiseta com “Sorria! Jesus te aceita.”, aparece novamente o tema da aceitação, dessa vez vinculado à felicidade. É aderindo a uma instituição que o aceite que o sujeito poderá caminhar rumo à prosperidade, livre de todas as formas de preconceito.

Como foi possível perceber nas considerações acima, o possível interlocutor se fez presente durante todo o processo de dizer da página inicial. Isso pode ser verificado quando, levando em consideração esses indivíduos, o tema da aceitação é a todo o momento reiterado através dos tópicos discursivos, mostrando que os enunciados são sempre orientados para um determinado endereço, sendo este quem define o que vai ser dito. Percebe-se, ainda, a preocupação de não só mostrar que, na instituição em análise, os homossexuais são aceitos, como também indicar caminhos para encontrar a Igreja Contemporânea, favorecendo com que esses

possíveis fiéis não fiquem somente na página institucional, mas que cheguem até o espaço físico da denominação.

Apresentamos até aqui as observações feitas através do primeiro contato do visitante com o endereço eletrônico. Agora, iremos iniciar a abertura das abas presentes na página, analisando cada uma delas. A sequência de abertura seguirá o sentido da esquerda para a direita. Assim, iniciamos com o *link* “Quem somos” no canto esquerdo da página inicial. Ele está dividido em três itens, a saber: “Missão, visão e valores”, “História” e “Fundador”, nesta ordem. Seguiremos, aqui, esse mesmo encadeamento, pensando primeiramente os enunciados presentes em “Missão, visão e valores”.

MISSÃO
Levar o amor de Deus a todos, sem preconceitos.

VISÃO
Ser um ministério que reflete a imagem do Senhor Jesus, que adequou à sociedade e à cultura do seu tempo um chamado vivo de comunhão com Deus, acolhendo a todos os excluídos, sem impedimento religioso algum.

VALORES
Amor e fidelidade - a Deus, à Igreja Contemporânea e ao próximo;
Consagração - pela leitura bíblica, oração, jejum, busca ao Espírito Santo e seus dons;
Conversão e transformação - o Evangelho converte, transforma, muda;
Não aceitação de pessoas - não incluímos apenas LGBTs, mas há uma atenção especial a estes;
Referencial - "sê o exemplo dos fiéis..." (1 Timóteo 4,12), fuja da aparência do mal, lembre-se de que a postura de um contemporâneo na rua representa a imagem que se terá lá fora da Igreja Contemporânea;
Unidade - a comunidade cristã começou unida: "E era um o coração e a alma da multidão dos que criam." (Atos 4, 32), por isso, venha para para somar e não divergir;
Santidade - deve ser a busca diária de cada contemporâneo.

Ant

Figura 8: Missão, visão e valores. Fonte: Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <http://igrejacontemporanea.com.br/site/quem-somos/missao-visao-e-valores.html>. Acesso em: 09. Set. 2018.

Conforme podemos observar, assim como na página inicial, prevalece um fundo de cor azul sobre o qual são colocados três títulos em uma fonte de cor branca com letras em maiúsculo e em negrito, criando um destaque em relação ao restante do texto que aparece também em cor branca, mas em fonte menor. O primeiro título

exibido é “VISÃO”, seguido de “MISSÃO” e “VALORES”. Nos dois primeiros, após a abertura, há um pequeno texto, enquanto que o terceiro item divide-se em sete tópicos: “Amor e fidelidade”, “Consagração”, “Conversão e transformação”, “Não aceção de pessoas”, “Referencial”, “Unidade” e “Santidade”. Na sequência de cada um desses tópicos, é apresentado um pequeno texto explicativo.

Já no lado direito, são colocados alguns *links* para o acesso de livros e vídeos. Primeiramente, é divulgado, através de um quadrado de fundo branco, o livro “Amor entre iguais em 10 lições”. É mostrada a capa da obra, estampada por um casal homoafetivo que faz referência ao fundador da ICC e seu parceiro. As palavras “amor” e iguais”, presentes no título, são colocadas em destaque e recebem a cor vermelha, enquanto que as demais (“entre”, “em” e “10 lições”) são exibidas na cor preta e em itálico. Ao lado da obra, temos: “Livro disponível na Amazon. Adquira por apenas R\$ 11,00 em *e-book* na amazon.com.br”. O segundo item de divulgação refere-se ao canal da instituição no Youtube. Também sobre um quadrado de fundo branco, é inserida a logomarca da ICC, a do canal e o enunciado “Assista no Youtube. Inscreva-se.”. O terceiro item refere-se também a um livro, trazendo sua capa estampada pela união das mãos de um casal homossexual masculino caminhando em um trilho. O título “A bíblia sem preconceitos” aparece em letras de cor branca e maiúsculas, logo após a imagem. Ao lado direito da capa, é colocado o mesmo enunciado já exposto aqui “Livro disponível na Amazon. Adquira por apenas R\$ 11,00 em *e-book* na amazon.com.br”.

Ao considerar que a página da instituição busca atrair fiéis através de um novo olhar para as questões das sexualidades não heterossexuais, enunciados como “Missão”, “Visão” e “Valores” são importantes para os interesses não somente da instituição como também dos visitantes que chegam até o endereço eletrônico. Esses elementos costumeiramente são apresentados por empresas com o objetivo de mostrar sua posição diante de um determinado segmento, favorecendo a representação de uma identidade institucional. Assim, vemos que a igreja se coloca não somente como um lugar de fé, opondo igreja x empresa. Desde o princípio, é assumido que se está em presença de uma congregação religiosa que é uma empresa, e, por isso, organizada. Nesse sentido, cada palavra é um signo ideológico que apresenta uma avaliação social do modo como a igreja/empresa se vê e quer ser vista. O tema dado a cada um desses elementos, ainda que em um novo contexto,

expressa uma identificação que pode ser interessante para o público que a procura, na medida em que se atesta mais credibilidade a uma empresa, que deixa claro o que pretende atingir, do que a determinadas igrejas, que, muitas vezes, não explicitam o preconceito que lhes é característico. Ora, uma entidade não teria porque fazer isso, ainda mais se considerarmos o avanço nos negócios voltados para o mundo LGBT em todo o mundo. Desse modo, esse diálogo entre enunciados de esferas discursivas distintas confere credibilidade e inovação a um público que busca algo diferenciado.

Nesse mesmo sentido, é interessante observar que todo o texto exposto nessa aba se apresenta de forma simples e curta, permitindo que seja realizada uma leitura rápida sobre os principais posicionamentos da congregação. Novamente, vemos a forma composicional de um gênero como a propaganda institucional, que, ainda que tenha como projeto enunciativo informar, mantém as características do gênero publicitário, cuja função, ou seja, o que pretende, é tornar conhecida uma agência, uma ONG, uma secretaria de Estado, entre outras, “vendendo-se”, a fim de que o interlocutor venha a aderir ao que está exposto, “comprando” ideia e não um produto.

Quando olhamos para a “Missão”, constatamos a presença daquele mesmo enunciado divulgado no *slogan*: “Levar o amor de Deus a todos, sem preconceitos”. Entendendo que uma missão nada mais é do que um propósito a ser alcançado, ao pensar no verbo que é apresentado (levar), podemos dizer que essa palavra é usada pela entidade com o objetivo de se apresentar como uma espécie de mediadora entre o amor de Deus e os excluídos. É como se os interlocutores fossem vistos como um rebanho que necessita de uma “agência” que os conduza, nesse caso, a ICC. Esse amor só é possível por meio da inserção do sujeito no espaço religioso. Ou seja, é preciso que o interlocutor seja levado, é necessária a igreja – e assim, mesmo que os dizeres indiquem que o amor divino pode ser vivenciado por todos, a significação que essa palavra adquire ao ser usada nesse enunciado reforça um projeto que, mais do que a divulgação e a inclusão, é uma “venda” – é preciso estar na ICC, engajar-se nela para sentir o amor não excludente de Deus.

Já na parte reservada à apresentação da “visão”, temos o seguinte enunciado: “Ser um ministério que reflete a imagem do Senhor Jesus, que adequou à sociedade e à cultura do seu tempo um chamado vivo de comunhão com Deus, acolhendo a todos os excluídos, sem impedimento religioso algum” (IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA, 2018). Desse modo, verificamos que é apresentada uma filiação

aos ideais religiosos, expressa em palavras como “ministério”, “Senhor [Jesus]”, “chamado”, “comunhão”. São itens lexicais como esses que demonstram que o enunciado dialoga com aqueles de uma igreja tradicional, mantendo a valoração que aí lhes são dados e que são importantes para que reconheçamos uma igreja, ainda mais em se tratando, como dissemos, de títulos que remetem a um espaço empresarial.

Essa filiação, no entanto, diferentemente de outras instituições tradicionais, não apresenta nenhum tipo de impedimento religioso, como se comprova no uso de palavras como “adequou”, “acolhendo”, “excluídos” e da expressão “sem impedimento”. É importante observar que, juntamente com as palavras destacadas anteriormente, vemos se reconfigurar o sentido do que foi apresentado. É um ministério, mas, rompendo com a noção do tradicional de uma igreja que conserva seus dogmas (ainda que, em certas épocas, tenha sofrido algumas mudanças), coloca-se como uma adequação (e, portanto, rompendo alguns preceitos) à sociedade e à cultura, fundamentalmente diversas e cambiáveis dependendo do lugar e do tempo. Vê-se, portanto, que o sentido de “ministério” nesse enunciado está ligado ao uso de um signo que apresenta uma avaliação social diferenciada do que é uma religião e quem ela congrega. Daí o sentido ideológico de “comunhão”, que, embora reflita o valor ligado ao pertencimento a uma comunidade religiosa, também o refrata, à medida que coloca em relação com Deus pessoas que são impedidas dessa partilha, desse compartilhamento.

Parece, então, que se apresenta a aceitação irrestrita daqueles outrora excluídos de uma congregação cristã, que poderão, agora, sem “nenhum impedimento”, viver em harmonia no modo de sentir, pensar, agir, sentirem-se identificados, ou seja, em comunhão de pensamentos, unidos pelo compartilhamento de ideias, podendo realizar ou desenvolver a fé em conjunto. Contudo, isso é novamente colocado pela questão da adesão à igreja, pois, para que seus membros estejam em comunhão com Deus, é preciso que sigam os preceitos defendidos pela entidade. Essa ideia é corroborada na exibição de enunciados presentes em “Valores”:

VALORES

Amor e fidelidade - a Deus, à Igreja Contemporânea e ao próximo;

Consagração - pela leitura bíblica, oração, jejum, busca ao Espírito Santo e seus dons;

Conversão e transformação - o Evangelho converte, transforma, muda;

Não aceitação de pessoas - não incluímos apenas LGBTs, mas há uma atenção especial a estes;

Referencial - "sê o exemplo dos fiéis..." (1 Timóteo 4,12), fuja da aparência do mal, lembre-se de que a postura de um contemporâneo na rua representa a imagem que se terá lá fora da Igreja Contemporânea;

Unidade - a comunidade cristã começou unida: "E era um o coração e a alma da multidão dos que criam." (Atos 4, 32), por isso, venha para somar e não divergir;

Santidade - deve ser a busca diária de cada contemporâneo.

Figura 9: Valores. Fonte: Igreja Cristã Contemporânea Disponível em: <http://igrejacontemporanea.com.br/>. Acesso em: 12. Set. 2018.

Aqui, cada enunciado apresentado representa o que é preciso para participar da igreja. Valores são características de uma determinada organização ou pessoa que determina a forma como ela se comporta e interage com outras pessoas e com o meio ambiente. Assim, temos alguns aspectos da igreja que são desejáveis a quem dela quer fazer parte, determinando seu modo de ser e de interagir com outras pessoas, nesta que é uma sociedade e uma cultura diversa no tempo e espaço, como vimos em "Visão". Dessa forma, há particularidades como "Amor e fidelidade", "Consagração", "Conversão e transformação", "Unidade" e "Santidade" que refletem padrões comuns a qualquer igreja porque estão ligados a Deus, ao próximo, à igreja, à oração, à leitura da Bíblia, à busca pelo Espírito Santo que, com seus dons, pode tornar o crente alguém melhor, ou seja, pode fazê-lo "mudar". Considerando que muitas pessoas procuram uma religião em busca de uma vida melhor, qualquer proposta de "mudança e transformação" exerce um forte apelo de conversão.

Interessante, neste sentido, é que está pressuposto aqui que quem procura a igreja não é uma pessoa "boa", pois ela precisa converter-se para se transformar em alguém que sempre está em busca da "santidade". Vemos, portanto, a mesma ideia de qualquer igreja tradicional de que o homem é pecador por nascimento e que somente o divino pode redimi-lo. Mas não somente o divino – é preciso a igreja para isso. Onde vemos o "amor e fidelidade" à igreja e a "unidade" como impossibilidade de oposição em "venha para somar e não para divergir". Divergir – não dividir, e isso é fundamental em uma fé, pois ela deve ser tomada como verdade absoluta, sem ser

questionada. Se todo signo é ideológico, impregnado pela valoração dada a ele pelo locutor na interação verbal, podemos inferir que o par unidade-soma está colocado com a ideia de que aquele que já divergiu de outra congregação pode encontrar aqui a “comunhão cristã” que procura, desde que se una aos demais sem divergir do modo como a igreja promove essa congregação. Pode-se pensar que, por isso, em “Referencial”, o enunciado bíblico transcrito coloca a questão do “exemplo”, indicando que o modo como o fiel (denominado “contemporâneo”) se comporta fora da igreja reflete mesmo o que é a própria entidade.

Como foi apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, a ICC não adere ao termo “inclusiva” em sua nomeação por acreditar que toda inclusão gera uma exclusão. Isso é reiterado em “não aceção de pessoas”, quando lemos: “Não incluímos apenas LGBTs, mas há uma atenção especial a estes”. De acordo com a doutrina bíblica, fazer aceção de pessoas significa tratar certos sujeitos de maneira diferente, a partir de um julgamento feito de forma diversa para cada pessoa, ou seja, toma-se medidas distintas para julgar, o que é condenado pela Bíblia, já que, diante de Deus, todos são iguais e Ele julga a todos com imparcialidade.

Considerando, então, que uma das preocupações da instituição é não ser reconhecida como uma “igreja gay”, mas sabendo que esse é o seu maior público, a entidade dá a eles uma atenção diferenciada, o que, em princípio, seria mesmo contra a aceção de pessoas. Que a igreja que se considera não inclusiva e que tenha como valor um referente bíblico que promove a igualdade, demonstra como a ICC torna tênue o modo como se mostra na busca por integrantes. Esses enunciados que fazem parte do item “Valores” indicam que seu projeto de dizer não é simplesmente a disponibilização de informações sobre o que é, mas uma forma de convencimento que apela à não diferenciação como forma de conquistar adeptos.

Notamos que, assim como pontuou Natividade (2008), há na apresentação dessa aba uma ideia de “homossexualidade santificada”. Isto é, do mesmo modo que aceitam as sexualidades marginalizadas e afastadas do centro religioso cristão, as inserem também em um caráter muito parecido com aquele apresentado por igrejas tradicionais. Todos os enunciados apontam para essa identificação, mais ainda quando se menciona que a postura do fiel representa a imagem da igreja. Desse modo, ao optar pela inserção na ICC, o novo membro deve estar consciente de que essa é uma instituição que já apresenta certas regras e valores impostos que deverão

ser seguidos, restando a ele somente respeitá-los. Esses valores deverão, ainda, ser mantidos não somente nas dependências da instituição como também nos outros espaços em que seus membros se inserem, havendo uma certa regulação de suas sexualidades e ações como um todo.

Dando sequência à análise da página, passamos a observar as informações disponibilizadas em “Fundador”, item também inserido na aba “Quem somos”.

Assim que realizamos a abertura do *link*, visualizamos, em destaque, uma imagem que traz o pastor Marcos Gladstone em primeiro plano, vestindo um terno de cor chumbo e com os olhos fechados. Em um segundo plano, percebemos outros membros da congregação religiosa, possivelmente em um momento de culto.

Fundador



Figura 10: Fundador. Fonte: Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <http://igrejacontemporanea.com.br/>. Acesso em: 26. Out. 2018.

A escolha da cor da roupa de Gladstone não se dá ao acaso, se considerarmos que pastores geralmente utilizam trajes na cor preta e que a moda atual em ternos elegeu a cor azul como a mais moderna e elegante. Em vista disso, ao usar a cor chumbo, o pastor estabelece, através da roupa, o seu lugar, ficando em um meio termo entre o tradicional (cor preta) e o inovador (cor azul). Para seus interlocutores, esse pequeno detalhe é de grande relevância. Percebemos uma vinculação com o religioso, já que não é uma cor que se afasta tanto daquela que costuma ser utilizada, mas que traz uma mudança, uma nova postura, assim como defende a ICC. Dessa

forma, inferimos aqui que a cor da vestimenta de Gladstone reflete a valoração que é dada aos enunciados, “flutuando” entre o tradicional e o inovador. Não estamos diante de uma simples tonalidade, mas sim de algo que busca dialogar com os interesses daqueles que chegam até a página, mostrando que é possível existir algo novo, sem romper com o tradicional.

Uma outra questão que nos chama atenção é o modo como o pastor é mostrado. Ele aparece com os olhos fechados, em um momento de concentração. Sabemos que, na esfera religiosa, de um modo geral, a conexão com Deus é o que muitos desejam. Não podemos deixar de mencionar, também, o diálogo que é instaurado entre essa imagem e os cultos neopentecostais, em que a concentração e o “estar diante de Deus” são extremamente valorizados.

Após isso, é exposto um texto aos moldes do que podemos entender como uma biografia em que são elencadas algumas informações sobre a vida de Gladstone e de sua atuação religiosa. Abaixo, selecionamos aquelas que mais nos despertam a atenção diante dos objetivos aqui traçados.

O pastor Marcos Gladstone é casado com o pastor Fabio Inacio, pai de três filhos: Felipe, Davison e Hadassa, frutos de adoção conjunta. Fundou a Igreja Cristã Contemporânea em 2006. É pós-graduado lato sensu em Teologia pela Universidade Metodista Bennett – RJ e especialista em Teologia Bíblica pelo Centro de Pós-graduação Andrew Jumper Mackenzie – SP.

Alguém que aceitou um chamado muito especial do Senhor Jesus para lutar contra um estigma social que marcou gerações de pessoas LGBT que estavam párias de um lugar onde pudessem livremente adorar ao Espírito Santo.

Com arrojo e ousadia, caracteriza a sua trajetória rompendo barreiras de intolerância religiosa, quebrando paradigmas humanos, desbravando caminhos de inclusão através da Bíblia em nome do seu ideal maior de vida: levar o amor de Deus a todos, sem preconceitos.

Um pioneiro no evangelho de inclusão no país. Publicou, em 2002, a primeira página da rede mundial de computadores em idioma português sobre a Bíblia e a homoafetividade na visão de aceitação aos homoafetivos.

É um líder religioso respeitado pela sua ousadia na luta contra a homofobia religiosa. Ministrou em igrejas inclusivas (no Brasil e nos EUA) bem como em organizações, congressos e universidades renomadas tais como: Universidade Federal Fluminense – UFF, Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Universidade Estadual de Minas Gerais em Montes Claros.

Recebeu prêmios em organizações e denominações nacionais e internacionais por sua liderança. Foi eleito pelo portal Mix Brasil em 2009 como uma das personalidades que mais influenciaram positivamente o mundo na aceitação da comunidade LGBT.

Em 2010 recebeu moção honrosa da Câmara Federal em Brasília por seu trabalho de inclusão aos excluídos. Também neste mesmo ano (2010) recebeu, representando a Igreja Cristã Contemporânea, o prêmio Arco-Íris de Direitos Humanos concedido pelo Instituto Arco-Íris.

Secularmente é advogado, possui MBA em Direito do Consumidor pela Fundação Getúlio Vargas – RJ, tendo já desempenhado funções e cargos de relevância nos poderes executivo, judiciário e legislativo. Atualmente é membro da Comissão de Direitos Homoafetivos da Ordem dos Advogados do Brasil/RJ.

Figura 11: Biografia. Fonte: Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <http://igrejacontemporanea.com.br/>. Acesso em: 26. Out. 2018.

Já no primeiro parágrafo, temos alguns tópicos bem relevantes: além da informação de o pastor ser o fundador da instituição, nos é dito que ele é casado com Fábio Inácio e pai de três filhos, frutos de adoção conjunta. Assim, prevalece a imagem de uma família, que, embora não corresponda ao modelo tradicional, pois tem em sua base a união de um casal homoafetivo, continua a manter alguns padrões do que se considera um casamento religioso, a exemplo da relação monogâmica, dialogando com um contexto mediato em que são ditadas regras de uma união religiosa. Desse

modo, destacamos que a entidade apresentada pela página analisada mantém algumas tradições cristãs e ressignifica outras, de acordo com a sua ideologia e o seu público, como vimos indicando. Poderíamos ter simplesmente a informação de que Gladstone é casado e pai de três filhos, mas a isso ser adicionado o fato de ele manter uma união com alguém do mesmo sexo e esses filhos serem adotivos mostra um nítido endereçamento aos interlocutores que chegam até o endereço institucional. O casamento aqui, portanto, dialoga com dois contextos. Primeiramente, temos um diálogo com a união enquanto instituição tradicional, mantendo-se, assim, por um lado, alguns elementos conservadores e, por outro, um diálogo com o contemporâneo, com as ideias defendidas pela entidade religiosa e, conseqüentemente, acordadas com o sagrado. Essas relações dialógicas, ao contrário do que possa parecer, não entram em contradição, mas se complementam. Ora, é necessário termos alguns elementos que tornem possível a identificação de uma união entre duas pessoas como um casamento, sendo preciso, portanto, dialogar com aqueles valores que socialmente, em um contexto mais amplo, são atribuídos a um matrimônio e, mais do que isso, em um contexto mais imediato, a um matrimônio religioso. Do mesmo modo, ao considerar seus interlocutores, ou seja, a endereçabilidade do dizer, a página necessita dialogar com outras posições, a exemplo daquelas defendidas pela teologia inclusiva, ao enunciar que a união entre um casal do mesmo sexo é admissível. Ao trazerem essas novas informações, valoram de uma outra maneira aquilo que até então era visto como um único modelo de união religiosa, mostrando que outros modelos são possíveis.

Ainda no parágrafo inicial, um outro enunciado é importante para nosso propósito: aquele que apresenta a formação acadêmica do fundador da ICC, destacando seu grau de pós-graduado em Teologia e especializado em Teologia Bíblica. Ao pensarmos em uma nova forma de exercer o Cristianismo, dados como a formação acadêmica na área mencionada funcionam como um dispositivo para a autorização de uma argumentação de autoridade. Isto é, aquele que enuncia na igreja possui uma formação que o legitima e o autoriza a abordar determinados assuntos, dentre eles uma nova interpretação para o texto bíblico, questão central em entidades de viés inclusivo. Do mesmo modo, podemos pensar que esse tópico colabora tanto para a manutenção do tema desse texto como para o da página. No primeiro caso, trata-se apresentar o fundador da igreja como capaz de manter-se à frente da

congregação e de construir e manter seus dogmas. No segundo, a sua formação fornece à página uma credibilidade para se apresentar como uma nova igreja, não fundada na simples reunião de um grupo para ler textos bíblicos ou discutir a fé, mas pensada como uma congregação que se pretende diferente das que já existem dada a sólida formação religiosa de seu fundador. Isso também pode ser significativo se pensarmos que o público homossexual – e particularmente jovem, já que procura uma igreja pela internet – tende a valorizar mais o grau superior, seja por vir de uma classe mais simples, como poderia ser o caso de jovens vindos de religiões neopentecostais com grande presença em bairros mais periféricos, ou ainda de participação na vida religiosa de igrejas como a Católica, na qual os seminários são, muitas vezes, possibilidades de escolaridade fora dos centros urbanos, seja por ser de classes intermediárias ou mais altas na qual a escolaridade completa é uma trajetória comum.

Já o enunciado seguinte – “alguém que aceitou um chamado muito especial do Senhor Jesus para lutar contra um estigma social que marcou gerações de pessoas LGBT que estavam párias de um lugar onde pudessem livremente adorar ao Espírito Santo” – passa-nos uma ideia de que a criação da ICC não é apenas uma vontade do pastor, mas um “chamado” que foi atendido. Desse modo, é estabelecida uma vinculação com o espiritual, com o divino e com uma vontade maior, cabendo ao seu fundador somente respeitar e obedecer. Vemos, então, que a manutenção do tema do texto se dá pela oposição estudo-dom, valorando, com igual importância, cada um desses tópicos na manutenção do projeto enunciativo do gênero biografia, qual seja: apresentar a trajetória de vida do fundador da denominação.

Ainda no trecho trazido acima, destacamos o aceite por “lutar contra um estigma social que marcou gerações”. É possível mencionarmos que, aqui, é feita uma menção à LBGTfobia e, mais uma vez, a vontade é divina. Quando olhamos para os recursos estilísticos utilizados nesses enunciados, percebemos em “alguém” a utilização de um termo genérico, que, para além de sua função enquanto um pronome indefinido, ao ser enunciado aqui e passar do linguístico para o discursivo, recebe um novo sentido, uma nova expressividade dada pelo enunciador que pretende destacar a não formalidade que imagina esperar do interlocutor. Assim, diferentemente das igrejas tradicionais, em que é necessário ser vocacionado para o exercício do religioso, na ICC, o representante é “alguém do povo”, demonstrando, portanto, uma maior proximidade com a comunidade religiosa.

Vemos, ainda, que M. Gladstone é o agente de algo maior, que foi escolhido pelo Senhor para lutar a favor das minorias sexuais e levar a palavra de Deus para lugares e pessoas em que, até então, ela não chegava. Destacamos, aqui, a escolha pela palavra “lutar”, quando consideramos o fato de geralmente ser atribuído a um representante de entidades pentecostais o verbo “pregar”. Com isso, o pastor da ICC não é somente aquele que prega a favor das minorias sexuais, mas que também luta por elas, por aceitação, por respeito. As expressões “minorias sexuais” e “lutar”, empregadas em um mesmo enunciado, conferem à congregação um viés mais político, buscando atrair aqueles se inserem nos debates sobre as questões sexuais e de gênero. Devemos considerar que, em congressos e seminários que discutem essas questões, as igrejas inclusivas são divulgadas em trabalhos e pesquisas acadêmicas, especialmente.

Assim, é possível compreendermos que a utilização de palavras geralmente empregadas em uma esfera de defesa e legitimação das sexualidades marginalizadas pode se mostrar como um interessante atrativo quando pensamos nesse público em específico. Em suma, o que o texto está realizando como unidade de sentido quando mobiliza e valora essas expressões no âmbito religioso é que Gladstone apresentasse-se como aquele que irá promover a aproximação de Deus com quem outrora foi visto e tratado como pecador. Com isso, chamamos a atenção para o fato de que a apresentação do líder religioso se insere dentro de um projeto maior, que é a apresentação da Igreja Cristã Contemporânea. O que se pretende não é simplesmente apresentar a vida de um pastor, como seria feito por meio do gênero biografia. Esse é o projeto enunciativo primeiro desse gênero discursivo, mas adaptado a um projeto enunciativo mais amplo, que é institucional. Desse modo, nesse texto, é preciso ir além, é necessário mostrar que há um diferencial entre Gladstone e os demais pastores, sejam eles de igrejas tradicionais ou inclusivas.

Esses dados atuam diretamente sobre o interlocutor e para isso foram pensados, sendo feitos ao ser considerado quem é esse possível interlocutor e aquilo que ele espera encontrar no texto. Conhecer o fundador e representante de uma instituição religiosa nada mais é do que conhecer a própria instituição, e o quão mais preparado ele for, mais significativa será sua igreja.

O próximo elemento exibido na aba “Quem somos” é o *link* “História”. Como a nomenclatura sugere, nesse espaço, é disponibilizado um texto cujo gênero é um relato da história da congregação, desde a sua origem até os dias atuais.

História



História da Igreja Contemporânea

A Igreja Cristã Contemporânea não é mais uma igreja, mas a representação do amor incondicional de Deus por um povo que sofria a dor da exclusão. Desta forma, na contramão de um cenário opressor e um sistema religioso muitas vezes intolerante e alheio às necessidades das minorias (sempre acolhidas pelo Senhor Jesus) o Espírito Santo ergueu a Igreja Cristã Contemporânea como uma resposta a tantos séculos de preconceito.

Figura 12: História. Fonte: Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <http://igrejacontemporanea.com.br/>. Acesso em: 28. Out. 2018.

Da mesma forma que em “Fundador”, o *link* que estamos analisando também traz uma combinação de texto verbal e imagético. Logo no início, é inserida uma fotografia de membros da entidade religiosa. Estão todos abraçados no interior de uma das sedes da ICC. Na linha de frente, são mostradas algumas pessoas caracterizadas, possivelmente após uma apresentação ministerial. Os demais vestem roupas comuns e de cores diversas, alguns com camisetas da congregação.

Destacamos que todo o espaço reservado para o público está preenchido, mostrando, assim, uma igreja completamente lotada. Na sequência da imagem, é possível identificar o título “História da Igreja Cristã Contemporânea. A partir disso, é iniciado um longo texto verbal que inicia com a seguinte mensagem:

A Igreja Cristã Contemporânea não é mais uma igreja, mas a representação do amor incondicional de Deus por um povo que sofria a dor da exclusão. Desta forma, na contramão de um cenário opressor e um sistema religioso muitas vezes intolerante e alheio às necessidades das minorias (sempre acolhidas pelo Senhor Jesus), o Espírito Santo ergueu a Igreja Cristã Contemporânea como uma resposta a tantos séculos de preconceito. (IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA, 2018).

Ao dizer que a ICC “não é mais uma igreja”, o enunciado procura novamente estabelecer um diferencial entre a instituição representada e as demais. Desse modo, ao ser assim apresentado, nos transmite a ideia de algo inovador, de algo que se diferencia entre outras congregações do segmento religioso. É possível entendermos que todas as outras apresentam características semelhantes ou iguais que nos permitem agrupá-las em determinado conjunto. Ao contrário, a Igreja Cristã Contemporânea, segundo o enunciado, não se encaixa nesse grupo, não sendo mais uma, mas uma. Em comparação com as outras, essa representa “o amor incondicional de Deus por um povo que sofria a dor da exclusão”. Aqui, ligamos a qualificação “incondicional” à escolha por “sofria”, um pretérito imperfeito, que refere a um fato ocorrido no passado, mas que não foi completamente terminado, expressando, assim, uma ideia de continuidade e de duração no tempo. Ou seja, os homossexuais ainda sofrem a dor da exclusão por não participarem de uma igreja, o que pode mudar caso entrem para a ICC.

Sabemos que, para indivíduos que vivenciam a fé cristã, principalmente para aqueles que sempre participaram de uma instituição, é penoso ser expulso de uma congregação por não estar em conformidade com a sexualidade vista como correta naquele ambiente. Assim, pessoas que tenham sofrido ou ainda sofram com isso possivelmente se reconheçam nesse enunciado, como se ele tivesse sido escrito justamente para elas. Novamente, insistimos na questão da endereçabilidade e da responsividade como definidoras do sentido e da expressividade do enunciado, dado o fato de a igreja ter sido criada por um homossexual que já participava de uma igreja

inclusiva, a qual fora fundada por um também homossexual que havia sido desligado de sua congregação, independentemente de sua fé. Destacamos que o trecho trazido acima dialoga com toda uma historicidade de repulsa e negação desses sujeitos, apontando a existência de uma instituição que luta contra todo esse processo histórico.

O cenário religioso dominante não é esquecido, ao contrário, é trazido para lembrar que a ICC não comunga com postura semelhante. Nesse sentido, é significativa a escolha pela palavra “contramão”. Vemos, mais uma vez, como é difícil para uma igreja inclusiva se colocar ao lado das tradicionais, que estariam no “lado certo”. Ainda assim, como é lembrado, elas oprimem e se mostram alheias às necessidades das minorias, ao contrário de Jesus, que sempre as acolhe e do Espírito Santo, por quem a congregação foi erguida. Logo, se existe um Senhor Jesus, acolhedor das minorias, onde está uma instituição que também as acolha? A página analisada procura de todo o modo responder a esse questionamento, colocando-se contra a postura das que estariam na direção “correta”.

Na sequência do texto, novamente, são trazidas informações sobre o pastor Marcos Gladstone. Diferentemente do tópico anterior, que foi apresentado de uma forma mais geral, neste, é informado ao visitante que, de forma muito semelhante à vida dos membros da entidade, o pastor viveu durante parte de sua vida um grande dilema: era homossexual e tinha sua sexualidade condenada pela Bíblia. Isso parece ser um tópico de extrema relevância para aqueles que chegam até a página e encontram-se no mesmo conflito.

Apresentar essa informação no início do espaço destinado à história da instituição pode ser visto como uma estratégia discursiva, quando consideramos a possibilidade de uma curiosidade em saber como o conflito vivenciado pelo pastor foi resolvido e, mais do que isso, como o próprio interlocutor, a partir da história apresentada, pode resolver os seus próprios anseios. Ao longo da trajetória de vida exposta nesse *link*, nos é informado que o líder da congregação religiosa passou por grandes problemas até aceitar a sua homossexualidade, tendo, inclusive, procurado a cura sexual e mantido um casamento heterossexual. Foi somente após uma revelação do Espírito Santo, no alto de uma colina nos Estados Unidos, que o pastor recebeu uma revelação que mudou a sua vida. Trata-se de um encontro divino em que lhe foi informado que sua orientação sexual era algo que não poderia ser negado,

já que teria sido constituído por Deus para ser daquela forma. Essas informações, mais uma vez, se mostram diretamente endereçadas para o possível público da instituição. Ao imaginar a responsividade ativa de seus interlocutores, considera-se que esse enunciado biográfico é esperado, dada a instância histórico-social da qual esses sujeitos fazem parte.

Diferentemente da época em que Gladstone procurava essas respostas, agora existe um espaço onde o sujeito pode estar mais próximo de Deus e, conseqüentemente, de sua aceitação sexual. É importante inferirmos que, se a sexualidade do pastor não é um problema perante o julgamento divino, a orientação sexual de outras pessoas também não configura um pecado, assim como muitas igrejas tradicionais continuam a considerar. Esses sujeitos, vistos como pecaminosos, necessitam somente de um espaço que não os exclua, não os oprima, mas os aceite como são. Diante disso,

[...]em 2006, quando tudo parecia um sonho frustrado, o Espírito Santo começou a gerar no pastor Marcos a Igreja Cristã Contemporânea, desde o nome até todos os passos a serem dados. O pastor Marcos passou incontáveis madrugadas sendo ministrado pelo Espírito Santo. (IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA, 2018)

Novamente, o surgimento da entidade é associado à ordem do divino. Como é possível percebermos, a utilização desse tópico discursivo é frequentemente trazida em textos presentes na página. Diante de todas essas reiteraões, percebemos a forte vinculação da congregação com o religioso, com o sagrado, como não poderia deixar de ser, considerando que se trata de uma igreja – e que assim quer ser vista e para a qual se espera adesão. É importante, também, destacarmos o uso da palavra “ministrar”, usada combinando dois sentidos: remetendo ao ministério, ao trabalho cristão em si, ou a aulas, a ensinar algo a alguém. Assim, vemos esse signo como valorado de forma que as duas significações se unem para um sentido que em tese se oporia ao divino – se ele recebeu o dom, como este poderia ter-lhe sido ensinado? Vemos, novamente, a dualidade entre o divino e a formação, ainda que, neste caso, o “professor” tenha sido o Espírito Santo.

Não devemos deixar de mencionar toda a descrição da trajetória percorrida pela entidade, que teve seu início no terceiro andar de um prédio emprestado na Lapa e, com o aumento do número de fiéis, passou a ocupar novos espaços, até mesmo

porque alguns já se tornavam insuficientes para o público que frequentava e procurava a sede da entidade. Os números, tanto de fiéis quanto de novas filiais, são expostos sempre que possível. Em um momento, uma passagem bíblica é utilizada para introduzir esses números:

Uma das primeiras promessas que o Senhor deu para a Contemporânea foi: “O menor virá a ser mil, e o mínimo, uma nação forte; eu, o SENHOR, a seu tempo farei isso prontamente. [Isaías 60, 22]. (IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA, 2018).

Ao mostrar que muitas pessoas frequentam a instituição, é conferida uma legitimação de um espaço considerável de ser também frequentado pelo visitante. Essa estratégia pode ser comparada a um recurso frequentemente utilizado pela publicidade ao nos dizer “Venha você também”, isto é, “Muitos já estão conosco. O que você está esperando? ”.

Em meio a esses dados, uma informação aparece e recebe, por nós, uma especial atenção. Ao ser comentado sobre as filiais de São Paulo, encontramos:

A expectativa foi muito grande em estender as tendas para São Paulo, afinal lá (segundo informações) residem 40% dos homoafetivos do país, em outras palavras, conquistar as terras paulistanas significava conquistar o local onde moram praticamente a metade do nosso público alvo. (IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA, 2018).

Ou seja, aqui, aparece uma clara delimitação dos seus interlocutores, embora essa informação seja omitida em outros espaços da página. Por meio disso, fica ainda mais evidente o endereçamento dos enunciados que se fazem presentes na página da entidade.

Ao final de “História”, é proferida a seguinte mensagem:

Junte-se a nós e deixe hoje mesmo o Senhor Jesus alargar a dimensão do seu entendimento para as coisas espirituais, porque há coisas grandiosas sendo preparados para estes pequeninos contemporâneos”. (IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA, 2018)

Notamos que a forma composicional e os recursos estilísticos mobilizados nesse enunciado dialogam diretamente com propagandas e campanhas publicitárias.

É utilizado, por exemplo, o imperativo, forma verbal característica do gênero publicitário. As propagandas, geralmente, procuram vender uma ideia ou um produto por meio de um ato praticado pelo interlocutor. Aqui, a igreja é vendida por meio da aceitação, mas, para isso, é necessário que aquele para quem o enunciado se dirige realize uma ação, expressa através do “Junte-se hoje mesmo”. Este último enunciado parece ser fundamental, pois, em um mundo em que as pessoas buscam resoluções rápidas e instantâneas, a promessa apresentada em “hoje mesmo” atua como uma importante aliada na busca por novos fiéis.

Ao lado de “Quem somos”, é inserida a aba “Nossas Igrejas”. Ao clicar, o usuário se depara com quatro novos *links*, a saber: Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo, estados em que a ICC possui filiais. Por sua vez, a cada um desses estados correspondem novos *sublinks* relativos às cidades em que a instituição se faz presente. Para cada um deles, é apresentada a localização, os dias e horários dos cultos, além de uma imagem da filial. É importante salientar que, para um projeto enunciativo que visa realizar uma apresentação institucional e, por meio dessa, uma aproximação do possível fiel com um dos espaços físicos da instituição, dados como esses são de extrema importância, pois são eles que permitem a passagem do virtual para o real. Chama atenção a riqueza de detalhes com que as informações são exibidas, sendo, inclusive, utilizado o recurso do Google Maps. Para ilustrar, selecionamos o *link* que traz informações sobre a localização da Catedral, localizada na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente, no bairro de Madureira.

Madureira – Catedral

CATEDRAL DA IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA – MADUREIRA

Domingos: 9h30 manhã (com a ministração do pastor Marcos Gladstone) e 18h noite
(café de celebração)
Quartas-Feiras: 20h
Sextas-Feiras: 20h

Obs.: O pastor Marcos Gladstone ministra a Palavra Domingos 9h30.

Endereço:
Avenida Ministro Edgard Romero, 460, Lj 101, Centro Comercial Edgard Romero
(Linha e entrada lateral da Odebrecht pela Rua Presépio Livro ao lado do Mercado Uniflex)
Madureira, Rio de Janeiro, RJ



Figura 13: Nossas Igrejas. Fonte: Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <http://igrejacontemporanea.com.br/madureira-catedral/>. Acesso em: 12.nov. 2018.

Seguindo o mesmo modelo trazido acima, é exposta a localização de cada uma das onze filiais da congregação. Após essa apresentação, passamos para uma das abas que mais desperta nossa atenção: “Homossexualidade”.

Diferentemente das apresentações que realizamos até aqui, em “Homossexualidade”, não há nenhum tipo de divisão. O texto é iniciado com uma imagem que tem por objetivo realizar a divulgação de um dos livros do pastor Marcos Gladstone, a obra “Bíblia sem preconceitos”. Logo após a exibição da capa do livro, é introduzido o seguinte enunciado: “Adquira a Bíblia sem preconceitos e descubra porque a Bíblia não condena a homossexualidade”, também na forma composicional e estilo de um gênero publicitário. Ora, é possível interpretarmos a informação trazida de duas maneiras: primeiramente, considerando que estamos em um endereço

eletrônico de uma igreja entendida como inclusiva e, mais do que isso, em uma aba intitulada “Homossexualidade”, temos uma informação central da não condenação da homossexualidade pela escrita sagrada; após isso, uma informação adicionada por extensão: o descobrimento do motivo pelo qual essa condenação não é realizada pelo livro cristão só pode ser obtido por meio da realização da compra da obra, conforme trazemos abaixo:

Home / Blog / Homossexualidade e Bíblia

amazon R\$ 11,00

e-book

BÍBLIA SEM PRECONCEITOS SEM MITOS

Adquira A Bíblia sem preconceitos e descubra porque a Bíblia não condena a Homossexualidade.

Homossexualidade 08/01/2018

Homossexualidade e Bíblia

A Bíblia não condena a homossexualidade. A maior revelação que um LGBT pode receber na vida é descoberta do grande amor de Deus, sem preconceitos. Nestes vídeos você encontrará um vasto material preparado pelo pastor Marcos Gladstone sobre Teologia Inclusiva.

Para ajudar nos seus estudos adquira também o livro "A Bíblia sem preconceitos" agora também disponível por e-book nas lojas virtuais da Amazon <https://amzn.to/2G89mmf>

Figura 14: Homossexualidade. Fonte: Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <http://igrejacontemporanea.com.br/>. Acesso em: 12. Nov. 2018.

Observamos que o informe colocado na imagem é reiterado no texto “Homossexualidade e Bíblia”. Neste, aproveita-se para realizar um aviso de que mais informações sobre o tema podem ser encontradas em vídeos produzidos pelo pastor Marcos Gladstone acerca da Teologia Inclusiva. Assim, através dessa “informação âncora”, outras são trazidas por meio dos vídeos, pensados para esclarecer as dúvidas e os anseios do visitante.



Figura 15: Vídeos. Fonte: Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <http://igrejacontemporanea.com.br/>. Acesso em: 12. Nov. 2018.

Ao todo, são disponibilizados 24 vídeos de temas diversos e com duração de aproximadamente 60 minutos cada. Como é um material muito extenso, por razões óbvias, não será objeto de nossa análise. No entanto, alguns títulos nos chamam atenção e acreditamos que devam ser citados quando pensamos em enunciados que colaboram para um projeto de dizer como este sobre o qual nos debruçamos. Entre eles, mencionamos: “Ser cristão e homoafetivo”, “O dia que Jesus encontrou um gay”, “Gays: céu ou inferno?”, “Deus não faz acepção de pessoas” e “Gays na Bíblia”. Conforme podemos verificar, a questão da homossexualidade masculina aparece

como central no material produzido por Gladstone. Não encontramos, por exemplo, vídeos que versem sobre a aceitação de lésbicas, travestis e transexuais. Somente um vídeo é intitulado de “Bissexualidade na Bíblia”. Os títulos apresentados se mostram diretos e objetivos. Mais uma vez, foi possível percebermos o endereçamento a um público em específico, nesse caso, os homossexuais ou, em outras palavras, gays. Destacamos que os títulos conversam com muitos dos anseios da população LGBT. Como exemplo disso, podemos citar o título “Gays: céu ou inferno?”, em que é estabelecido um diálogo com uma das preocupações causadas pelos “textos de terror” que, ao condenarem a homossexualidade, dizem que as pessoas que cometem tal pecado irão para o inferno. A utilização de uma pergunta ao inserir esse título, mostra que, segundo a visão da ICC, essa é uma das dúvidas do seu público e, partir disso, ao considerar uma responsividade ativa, traz enunciados como o exemplificado.

Uma outra aba presente na página se refere aos áudios. São elencados seis áudios com a voz do pastor M. Gladstone. É importante destacar que nenhuma dessas duas abas estavam presentes na análise que foi realizada no mês de setembro de 2018. Essas informações foram inseridas posteriormente e mostram o dinamismo do *website*. Em um desses arquivos, intitulado “Não desista de um grande amor”, o eclesiástico deseja que a palavra a ser emitida por sua voz fortaleça e edifique a vida daquele que ouve, motivando-o a visitar a Igreja Contemporânea mais próxima de sua residência. Em outros momentos, são trazidas algumas palavras pregadas durante os cultos da instituição, sendo elucidado, dentre muitos assuntos, o poder da transformação através da inserção religiosa. Os ouvintes são convidados a refletirem sobre suas vidas, questionando-se sobre a satisfação de viver. São recorrentes, também, exemplos trazidos da vida do próprio pastor, a exemplo de sua relação com o companheiro e os filhos. Através disso, o líder religioso procura uma aproximação com os demais, mostrando que sua vida era igual a de muitos que o ouvem e que, do mesmo modo que a sua foi transformada, outras também podem ser.

De maneira muito parecida com “Vídeos”, é pensada a aba “Pregações”, também inserida após análise inicial. Nesta, são disponibilizados 52 vídeos, no entanto, diferentemente dos outros que eram elaborados e pensados enquanto recursos audiovisuais, estes, em sua maioria, são resultantes de gravações das pregações realizadas no interior da congregação. Em alguns materiais, o início é feito

por meio da divulgação do livro “A Bíblia sem preconceitos”, sendo informado ao visitante que se trata de uma obra fundamental para entender a aceitação de Deus. Ressaltamos que esses *links* se mostram interessantes para dois possíveis públicos. De um lado, temos o interesse daqueles ainda não inseridos em uma das sedes da ICC, que podem, através desses recursos, conhecer e entender como são realizadas as pregações e, de outro, aqueles que já são membros da entidade e podem utilizar esse meio de divulgação como uma espécie de “biblioteca” dos cultos assistidos. É importante mencionar que tanto em “áudios” como em “pregações”, uma série de outros arquivos poderiam ser disponibilizados, quando consideramos que muitos dos que foram expostos resultam de atividades da instituição. Essa escolha de uns em detrimento de outros é, sem dúvidas, motivada pela vontade de dizer da página institucional. Isto é, quais informações são mais relevantes para o projeto de dizer? Como organizá-las? Em que ordem? Onde inserir? São essas e outras indagações que motivam as escolhas que são feitas para que tenhamos como resultado o endereço eletrônico do modo que visualizamos.

5- AMÉM, AMEM

O título dado a seção de conclusão do nosso trabalho traz uma série de relações que procuramos explorar ao longo da pesquisa. A palavra de origem hebraica “amém”, costuma ser utilizada por pessoas que se identificam com as religiões de vertente cristã e, ao mesmo tempo em que aponta para um sentido de afirmação e concordância frente aos preceitos religiosos em voga onde é empregada, assume também outras posições, a exemplo daquelas em que pode nos apontar para uma ideia de esperança, crença e conforto. Por sua vez, “amem”, proferido no modo imperativo, nos ordena a ação de amar, demonstrar afeto, se envolver.

Ao trazer essas duas palavras, em um mesmo enunciado, procuramos mostrar que existem possibilidades do exercício do amor, mesmo que em tempos de ódio. Mais do que isso, ao aproximá-las, sem qualquer tipo de complemento, buscamos mostrar que a prática da ação de amar está autorizada de acontecer em quaisquer esferas de interação, inclusive na religiosa. Ame o outro, independentemente de sua condição sexual, expressão de gênero, etnia, credo e posição social.

Isso pode parecer uma utopia, sobretudo quando pensamos em nossa atual situação político-social, em que identidades são negadas por meio de discursos de intolerância, preconceito e violência. Ao dialogar com as diversas áreas do conhecimento, intencionamos realizar um breve percurso sobre aquilo que, em nosso país, se entende por sexualidade, religião e direitos sociais. Em meio a essa viagem, novos desdobramentos se deram e verificamos que o reconhecimento de LGBTs como cidadãos e, sobretudo, como seres humanos, necessita de um olhar político e social muito mais amplo e abrangente do que imaginávamos.

Ao adentrar nas discussões sobre o movimento LGBT, destacamos a sua importância, desde o seu surgimento até os dias atuais. A busca por direitos civis, igualdade de gênero e contra as diversas formas de intolerância, se tornou possível mediante a ação de todos aqueles sujeitos que nos antecederam nessa árdua luta. Do mesmo modo, podemos considerar o surgimento das instituições não condenatórias das sexualidades dissidentes sob esse mesmo viés, já que encontraram no ativismo dos pioneiros um solo já em preparo para o plantio.

As igrejas inclusivas, assim como são denominadas por estudiosos, nos chamaram a atenção pela possibilidade da prática da fé por indivíduos outrora não

aceitos no ambiente religioso cristão. Por meio do objetivo que foi proposto, procuramos mostrar de que forma essas entidades têm trazido para dentro de suas congregações, sujeitos que até então estavam em desacordo com o divino. Perante a análise realizada, percebemos que alguns pontos já considerados no início desta pesquisa se confirmaram, enquanto que outros apresentaram novas implicações.

Ao pretender olhar para a página institucional, consideramos um possível endereçamento do seu conteúdo, o que foi confirmado ao longo das observações realizadas. No entanto, diferente da forma como pensávamos e até mesmo da forma em que uma apreciação menos detalhada mostrava, inclusive através do *slogan* exibido, o *Website* se inclina para um público bem mais específico do que elementos como “todos” e “LGBT” sugerem. Há uma atenção especial para os homossexuais masculinos. Mais do que isso, podemos destacar ainda a representação de gênero que é construída. São casais em que ambos desempenham uma masculinidade hegemônica, afastando-se de qualquer sinal de feminilidade.

Diante de uma entidade que visa incluir todos, sem nenhum tipo de impedimento religioso, representações como essas devem ser problematizadas. Quando pensamos em uma conjuntura em que muitos gays repulsam aqueles que se mostram mais efeminados, a aceitação desses sujeitos na esfera religiosa analisada pode resultar em um afastamento de outros. Com isso, a instituição procura se direcionar para um público que, diante de sua visão, melhor se enquadra em seus ideais.

O fato de negar ser reconhecida como uma igreja inclusiva, diante de todo o seu histórico de atuação, que se afasta da divulgação em boates, bares e eventos destinados ao público LGBT, buscando assim reconhecida como uma igreja de “todos” e não como um “espaço de pegação” ou ambiente de socialização de “viados”, mostra que, na verdade, o alcance sugerido pela utilização do pronome indefinido, se esgota no momento em que um olhar mais atento para as informações disponibilizadas é realizado.

Como dissemos no segundo capítulo deste trabalho, uma página institucional, na grande maioria dos casos, visa realizar uma apresentação e/ou venda de uma ideia ou produto. Na presente situação, acreditamos que a entidade não somente se apresenta para o seu seletivo público como também procura vender-se. Para isso, são utilizados diferentes recursos estilísticos. Notamos que, primeiramente, e isso se dá

inclusive na disposição das informações ao considerar o segmento de leitura possível de ser percorrido pelo interlocutor, são apresentadas informações mais gerais, como: missão, visão, valores, história, fundador, localização etc. Através disso que, supostamente poderíamos entender como “apresentação institucional”, é adicionada uma série de outras informações que nos permitem valorar a entidade da maneira com que a página pretende e, com isso, elabora o seu projeto de dizer. Desse modo, concomitantemente com a apresentação, temos a venda de uma ideia: a possível aceitação do visitante e a sua comunhão com Deus, livrando-se de todas as formas de preconceito.

Como foi mostrado ao longo da análise exposta aqui, diversos textos são inseridos na página. Ao olhar para cada um deles de maneira isolada, percebemos que possuem suas próprias particularidades, de acordo com aquilo que pretendem dizer. No entanto, todos eles trabalham em conjunto e formam uma unidade temática tão articulada que pode fazer com que o interlocutor do endereço eletrônico se torne um fiel da instituição. E para isso foi elaborado o seu projeto enunciativo.

É importante destacarmos que não tivemos por objetivo realizar uma análise da instituição, apontando-a como cabível ou não de ser frequentada. Isso cabe a cada interlocutor. O que procuramos foi, acima de tudo, mostrar como o projeto do *WebSite* se apresenta, considerando o diálogo com seus interlocutores e com todos os discursos, passados ou futuros, sobre as questões que aqui foram levantadas. Dessa forma, a partir das considerações explanadas, acreditamos que a interrogação que dá título à essa pesquisa tenha sido respondida. Por fim, destacamos a importância de entidades como a ICC e esperamos que as contribuições aqui trazidas possam suscitar novos diálogos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981. BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Editora UNESP/ Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal** Trad. Paulo Bezerra. – 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2011[1952-53].

BRAIT, Beth. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá** – Publicação do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, n. 20, p. 47-62. 2006

BRAIT, B. *Análise e Teoria do Discurso*. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-33.

BRAIT, B; MELLO, Rosineide. *Enunciado/enunciado concreto/ enunciação*. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2016. p. 61-78.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAVALCANTE FILHO, U ;TORGA, V. L. M. Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). **I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos**. Vitória, 2011.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2016. p. 201-220.

DI FANTI, Maria da Glória. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Verdeas: Revista de Estudos da Linguagem*. Juiz de Fora. V.7, n.1 e n.2. p.95-111. jan/dez.2003.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o 'campo' e para a 'arena' do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas: Revista de Estudos Gays**, v. 3, n. 4, p. 131-158, 2009.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cad.AEL**. Campinas, v.10, n.18/19, p.82-123, 2003.

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

FARACO, C.A. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do Círculo de Bakhtin. **1º Encontro Internacional do Interacionismo Sociodiscursivo**. PUC-SP, Junho de 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GREEN, James. “Mais amor e mais tesão’: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**. v. 15, p.271-295, 2000.

GRILLO, Sheila. Esfera e campo. In: **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2016. p.133-160.

JESUS, Fátima Weiss de. **Unindo a cruz e o arco-íris**: Vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo. 2012. 302 f. Tese de doutorado-Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

JUNGBLUT, Airton Luiz. O uso religioso da internet no Brasil. **Plura**: Revista de estudos de religião. Juiz de Fora. v. 1, n.1, p. 202-21, 2010.

LENHARDT, Augusto; Fontana, Eliane. Políticas Públicas de acesso à internet: a possível cobrança de dados e a consequente migração do acesso à internet no país. In: **XII Seminário Nacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**. Santa Cruz do Sul, 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCHEZAN, Renata. Diálogo. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 115-131.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos: reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea". In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011.p. 37-56.

MOLINA, Luana. P. P. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. **Antíteses**. Londrina,v.4,n.8,p.949-962, 2011.

MOTT, Luiz. Igreja e homossexualidade no Brasil: cronologia temática 1547-2006. In: II Congresso Internacional sobre Epistemologia, Sexualidade e Violência. 2006, São Leopoldo.

MUSSKOPF, André Sidnei. À meia luz: a emergência de uma teologia gay: Seus dilemas e possibilidades. **Cadernos IHU Ideias**. São Leopoldo, v.3, n. 32, p. 1-34, 2005.

NATIVIDADE, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil.2008. 342 f. Tese de doutorado-PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo. Homofobia religiosa e direitos LGBT: notas de pesquisa. **Latitude** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia UFAL, v. 7, n. 1, p. 33-51, 2013.

OLIVEIRA, Luiz, G. **“O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay”**: etnografando duas igrejas inclusivas na cidade de São Paulo.2017. 118f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

PANASIEWICZ, Roberlei. Fundamentalismo Religioso: história e presença no cristianismo. In: X Simpósio da Associação Brasileira da História das Religiões:

Migrações e Imigrações das Religiões, 2011. **Anais** Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões. Assis, 2011.

PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Letras**. Santa Maria, v.20, n.40. p.147- 162, 2010.

REZENDE, Luciano Galdino. **Inclusão digital**: um desafio para o Brasil. Disponível em: Acesso em: <http://www.inf.br.ufg.espinfedu/files/uploads/trabalho-s-finais/Artigo%20Luciano%20GaldinoF.pdf>>. Acesso em: 02. Dez. 2018.

SANTANELLA, L. **Novos desafios da comunicação**. FACOM/ UFJF, 2001. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R5-Lucia.pdf>. Acesso em: 21. dez. 2017.

SOBRAL, A; GIACOMELLI, K. Gêneros, marcas linguísticas e enunciativas: uma análise discursiva. In: SOBRAL, A (org); SOUZA, S (org). **Gêneros, entre o texto e o discurso**. São Paulo: Mercado de Letras, 2016. p. 47-69.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: As bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, Carlos. **O arco-íris de vida que corre em minhas veias**: a doação de sangue por homens homoafetivos. 57f. Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2018.

TAVARES, Talita; LEONCIO, Camino; TORRES, Ana. R. “Ado, Ado, Ado, ser viado não é pecado” : A trajetória de igrejas inclusivas dos Estados Unidos ao contexto Latino-Americano. In: LEONCIO, Camino; CARNEIRO, Nuno & NOGUEIRA, Conceição (Orgs.) **Aqui, (tam)bem reguladas**: sexualidade e discursos de igrejas inclusivas. Recife: Editora Livro Rápido, 2017, p.22-67.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].